The Project Gutenberg EBook of O Mandarim, by Eça Queirós

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.org

Title: O Mandarim

Author: Eça Queirós

Release Date: October 27, 2007 [EBook #16384]

Language: Portuguese

\*\*\* START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK O MANDARIM \*\*\*

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed

Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This file was

produced from images generously made available by National

Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

EÇA DE QUEIROZ

O MANDARIM

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON, EDITOR.

Porto e Braga

1880

O MANDARIM

PROLOGO

1.^o AMIGO (\_bebendo Cognac e soda, debaixo d'arvores, n'um terraço, á

beira d'agua\_)

Camarada, por estes calores do estio que embotam a ponta da sagacidade,

repousemos do aspero estudo da Realidade humana... Partamos para os

campos do Sonho, vaguear por essas azuladas collinas romanticas onde se

ergue a torre abandonada do Sobrenatural, e musgos frescos recobrem as

ruinas do Idealismo... Façamos phantasia!...

2.^o AMIGO

Mas sobriamente, camarada, parcamente!... E como nas sabias e amaveis

Allegorias da Renascença, misturando-lhe sempre uma Moralidade

discreta...

(COMEDIA INEDITA).

I

Eu chamo-me Theodoro--e fui amanuense do Ministerio do Reino.

N'esse tempo vivia eu á travessa da Conceição n.^o 106, na casa

d'hospedes da D. Augusta, a esplendida D. Augusta, viuva do major

Marques. Tinha dois companheiros: o Cabrita, empregado na Administração

do bairro central, esguio e amarello como uma tocha d'enterro; e o

possante, o exuberante tenente Couceiro, grande tocador de viola

franceza.

A minha existencia era bem equilibrada e suave. Toda a semana, de mangas

de lustrina á carteira da minha repartição, ia lançando, n'uma formosa

letra cursiva, sobre o papel Tojal do Estado, estas phrases faceis:

«\_Ill.^{mo} e Exc.^{mo} Snr.\_--\_Tenho a honra de communicar a V. Exc.^a...

Tenho a honra de passar ás mãos de V. Exc.^a, Ill.^{mo} e Exc.^{mo} Snr...\_»

Aos domingos repousava: installava-me então no canapé da sala de jantar,

de cachimbo nos dentes, e admirava a D. Augusta, que, em dias de missa,

costumava limpar com clara d'ovo a caspa do tenente Couceiro. Esta hora,

sobretudo no verão, era deliciosa: pelas janellas meio cerradas

penetrava o bafo da soalheira, algum repique distante dos sinos da

Conceição Nova, e o arrulhar das rolas na varanda; a monotona susurração

das moscas balançava-se sobre a velha cambraia, antigo véo nupcial da

Madame Marques, que cobria agora no aparador os pratos de cerejas

bicaes; pouco a pouco o tenente, envolvido n'um lençol como um idolo no

seu manto, ia adormecendo, sob a fricção molle das carinhosas mãos da D.

Augusta; e ella, arrebitando o dedo minimo branquinho e papudo,

sulcava-lhe as rêpas lustrosas com o pentesinho dos bichos... Eu então,

enternecido, dizia á deleitosa senhora:

--Ai D. Augusta, que anjo que é!

Ella ria; chamava-me \_enguiço\_! Eu sorria, sem me escandalisar.

\_Enguiço\_ era com effeito o nome que me davam na casa--por eu ser magro,

entrar sempre as portas com o pé direito, tremer de ratos, ter á

cabeceira da cama uma lithographia de Nossa Senhora das Dôres que

pertencera á mamã, e corcovar. Infelizmente corcóvo--do muito que

verguei o espinhaço, na Universidade, recuando como uma pêga assustada

diante dos senhores Lentes; na repartição, dobrando a fronte ao pó

perante os meus Directores Geraes. Esta attitude de resto convém ao

bacharel; ella mantem a disciplina n'um Estado bem organisado; e a mim

garantia-me a tranquillidade dos domingos, o uso d'alguma roupa branca,

e vinte mil reis mensaes.

Não posso negar, porém, que n'esse tempo eu era ambicioso--como o

reconheciam sagazmente a Madame Marques e o lepido Couceiro. Não que me

revolvesse o peito o appetite heroico de dirigir, do alto d'um throno,

vastos rebanhos humanos; não que a minha louca alma jámais aspirasse a

rodar pela Baixa em trem da Companhia, seguida d'um correio

choitando;--mas pungia-me o desejo de poder jantar no Hotel Central com

Champagne, apertar a mão mimosa de viscondessas, e, pelo menos duas

vezes por semana, adormecer, n'um extasi mudo, sobre o seio fresco de

Venus. Oh! moços que vos dirigieis vivamente a S. Carlos, atabafados em

paletots caros onde alvejava a gravata de \_soirée\_! Oh! tipoias,

apinhadas de andaluzas, batendo galhardamente para os touros--quantas

vezes me fizestes suspirar! Porque a certeza de que os meus vinte mil

reis por mez e o meu geito encolhido de enguiço me excluiam para sempre

d'essas alegrias sociaes vinha-me então ferir o peito--como uma frecha

que se crava n'um tronco, e fica muito tempo vibrando!

Ainda assim, eu não me considerava sombriamente um «pária». A vida

humilde tem doçuras: é grato, n'uma manhã de sol alegre, com o

guardanapo ao pescoço, diante do bife de grelha, desdobrar o Diario de

Noticias; pelas tardes de verão, nos bancos gratuitos do Passeio,

gozam-se suavidades de idyllio; é saboroso á noite no Martinho, sorvendo

aos goles um café, ouvir os verbosos injuriar a patria... Depois, nunca

fui excessivamente infeliz--porque não tenho imaginação: não me

consumia, rondando e almejando em torno de paraisos ficticios, nascidos

da minha propria alma desejosa como nuvens da evaporação d'um lago; não

suspirava, olhando as lucidas estrellas, por um amor á Romeo, ou por uma

gloria social á Camors. Sou um positivo. Só aspirava ao racional, ao

tangivel, ao que já fôra alcançado por outros no meu bairro, ao que é

accessivel ao bacharel. E ia-me resignando, como quem a uma \_table

d'hôte\_ mastiga a bucha de pão secco á espera que lhe chegue o prato

rico da \_Charlotte russe\_. As felicidades haviam de vir: e para as

apressar eu fazia tudo o que devia como portuguez e como

constitucional:--pedia-as todas as noites a Nossa Senhora das Dôres, e

comprava decimos da loteria.

No entanto procurava distrahir-me. E como as circumvoluções do meu

cerebro me não habilitavam a compôr odes, á maneira de tantos outros ao

meu lado que se desforravam assim do tedio da profissão; como o meu

ordenado, paga a casa e o tabaco, me não permittia um vicio--tinha

tomado o habito discreto de comprar na feira da Ladra antigos volumes

desirmanados, e á noite, no meu quarto, repastava-me d'essas leituras

curiosas. Eram sempre obras de titulos ponderosos: Galera da Innocencia,

Espelho Milagroso, Tristeza dos Mal Desherdados... O typo venerando, o

papel amarellado com picadas de traça, a grave encadernação freiratica,

a fitinha verde marcando a pagina--encantavam-me! Depois, aquelles

dizeres ingenuos em letra gorda davam uma pacificação a todo o meu sêr,

sensação comparavel á paz penetrante d'uma velha cêrca de mosteiro, na

quebrada d'um valle, por um fim suave de tarde, ouvindo o correr d'agua

triste...

Uma noite, ha annos, eu começára a lêr, n'um d'esses in-folios vetustos,

um capitulo intitulado \_Brecha das Almas\_; e ia cahindo n'uma

somnolencia grata, quando este periodo singular se me destacou do tom

neutro e apagado da pagina, com o relevo d'uma medalha d'ouro nova

brilhando sobre um tapete escuro: copío textualmente:

«No fundo da China existe um Mandarim mais rico que todos os reis

de que a Fabula ou a Historia contam. D'elle nada conheces, nem o

nome, nem o semblante, nem a sêda de que se veste. Para que tu

herdes os seus cabedaes infindaveis, basta que toques essa

campainha, posta a teu lado, sobre um livro. Elle soltará apenas um

suspiro, n'esses confins da Mongolia. Será então um cadaver: e tu

verás a teus pés mais ouro do que póde sonhar a ambição d'um avaro.

Tu, que me lês e és um homem mortal, tocarás tu a campainha?»

Estaquei, assombrado, diante da pagina aberta: aquella interrogação

«homem mortal, tocarás tu a campainha?» parecia-me facêta, picaresca, e

todavia perturbava-me prodigiosamente. Quiz lêr mais; mas as linhas

fugiam, ondeando como cobras assustadas, e no vazio que deixavam, d'uma

lividez de pergaminho, lá ficava, rebrilhando em negro, a interpellação

estranha--«tocarás tu a compainha?»

Se o volume fosse d'uma honesta edição Michel-Levy, de capa amarella,

eu, que por fim não me achava perdido n'uma floresta de ballada allemã,

e podia da minha sacada vêr branquejar á luz do gaz o correame da

patrulha--teria simplesmente fechado o livro, e estava dissipada a

allucinação nervosa. Mas aquelle sombrio in-folio parecia estalar magia;

cada letra affectava a inquietadora configuração d'esses signaes da

velha cabala, que encerram um attributo fatidico; as virgulas tinham o

retorcido petulante de rabos de diabinhos, entrevistos n'uma alvura de

luar; no \_ponto d'interrogação\_ final eu via o pavoroso gancho com que o

Tentador vai fisgando as almas que adormeceram sem se refugiar na

inviolavel cidadella da Oração!... Uma influencia sobrenatural

apoderando-se de mim, arrebatava-me devagar para fóra da realidade, do

raciocinio: e no meu espirito foram-se formando duas visões--d'um lado

um Mandarim, decrepito, morrendo sem dôr, longe, n'um kiosque chinez, a

um \_ti-li-tin\_ de campainha; do outro toda uma montanha de ouro

scintillando aos meus pés! Isto era tão nitido, que eu via os olhos

obliquos do velho personagem embaciarem-se, como cobertos d'uma tenue

camada de pó; e sentia o fino tinir de libras rolando juntas. E immovel,

arripiado, cravava os olhos ardentes na campainha, pousada pacatamente

diante de mim sobre um diccionario francez--a campainha prevista, citada

no mirifico in-folio...

Foi então que, do outro lado da mesa, uma voz insinuante e metallica me

disse, no silencio:

--Vamos, Theodoro, meu amigo, estenda a mão, toque a campainha, seja um

forte!

O \_abat-jour\_ verde da vela punha uma penumbra em redor. Ergui-o, a

tremer. E vi, muito pacificamente sentado, um individuo corpulento, todo

vestido de preto, de chapéo alto, com as duas mãos calçadas de luvas

negras gravemente apoiadas ao cabo d'um guarda-chuva. Não tinha nada de

phantastico. Parecia tão contemporaneo, tão regular, tão classe-média

como se viesse da minha repartição...

Toda a sua originalidade estava no rosto, sem barba, de linhas fortes e

duras; o nariz brusco, d'um aquilino formidavel, apresentava a expressão

rapace e atacante d'um bico d'aguia; o córte dos labios, muito firme,

fazia-lhe como uma bocca de bronze; os olhos, ao fixar-se, assemelhavam

dois clarões de tiro, partindo subitamente d'entre as sarças tenebrosas

das sobrancelhas unidas; era livido--mas, aqui e além na pelle,

corriam-lhe raiações sanguineas como n'um velho marmore phenicio.

Veio-me á idéa de repente que tinha diante de mim o Diabo: mas logo todo

o meu raciocinio se insurgiu resolutamente contra esta imaginação. Eu

nunca acreditei no Diabo--como nunca acreditei em Deus. Jámais o disse

alto, ou o escrevi nas gazetas, para não descontentar os poderes

publicos, encarregados de manter o respeito por taes entidades: mas que

existam estes dois personagens, velhos como a Substancia, rivaes

bonacheirões, fazendo-se mutuamente pirraças amaveis,--um de barbas

nevadas e tunica azul, na toilette do antigo Jove, habitando os altos

luminosos, entre uma côrte mais complicada que a de Luiz XIV; e o outro

enfarruscado e manhoso, ornado de cornos, vivendo nas chammas

inferiores, n'uma imitação burgueza do pitoresco Plutão--não acredito.

Não, não acredito! Céo e Inferno são concepções sociaes para uso da

plebe--e eu pertenço á classe-média. Rezo, é verdade, a Nossa Senhora

das Dôres: porque, assim como pedi o favor do senhor doutor para passar

no meu acto; assim como, para obter os meus vinte mil reis, implorei a

benevolencia do senhor deputado; igualmente para me subtrahir á tisica,

á angina, á navalha de ponta, á febre que vem da sargeta, á casca de

laranja escorregadia onde se quebra a perna, a outros males publicos,

necessito ter uma protecção extra-humana. Ou pelo rapa-pé ou pelo

incensador o homem prudente deve ir fazendo assim uma serie de sabias

adulações desde a Arcada até ao Paraiso. Com um compadre no bairro, e

uma comadre mystica nas Alturas--o destino do bacharel está seguro.

Por isso, livre de torpes superstições, disse familiarmente ao individuo

vestido de negro:

--Então, realmente, aconselha-me que toque a campainha?

Elle ergueu um pouco o chapéo, descobrindo a fronte estreita, enfeitada

d'uma gaforinha crespa e negrejante como a do fabuloso Alcides, e

respondeu, palavra a palavra:

--Aqui está o seu caso, estimavel Theodoro. Vinte mil reis mensaes são

uma vergonha social! Por outro lado, ha sobre este globo coisas

prodigiosas: ha vinhos de Borgonha, como por exemplo o \_Romanée-Conti\_

de 58 e o \_Chambertin\_ de 61, que custam, cada garrafa, de dez a onze

mil reis; e quem bebe o primeiro calix, não hesitará, para beber o

segundo, em assassinar seu pai... Fabricam-se em Paris e em Londres

carruagens de tão suaves molas, de tão mimosos estofos, que é preferivel

percorrer n'ellas o Campo Grande, a viajar, como os antigos deuses,

pelos céos, sobre os fôfos coxins das nuvens... Não farei á sua

instrucção a offensa de o informar que se mobilam hoje casas, d'um

estylo e d'um conforto, que são ellas que realisam superiormente esse

regalo ficticio, chamado outr'ora a «Bemaventurança». Não lhe fallarei,

Theodoro, d'outros gozos terrestres: como, por exemplo, o Theatro do

\_Palais Royal\_, o \_baile Laborde\_, o \_Café Anglais\_... Só chamarei a sua

attenção para este facto: existem sêres que se chamam

Mulheres--differentes d'aquelles que conhece, e que se denominam Femeas.

Estes sêres, Theodoro, no meu tempo, a paginas 3 da Biblia, apenas

usavam exteriormente uma \_folha de vinha\_. Hoje, Theodoro, é toda uma

symphonia, todo um engenhoso e delicado poema de rendas, \_baptistes\_,

setins, flôres, joias, cachemiras, gazes e velludos... Comprehende a

satísfação inenarravel que haverá, para os cinco dedos de um christão,

em percorrer, palpar estas maravilhas macias;--mas tambem percebe que

não é com o troco d'uma placa honesta de cinco tostões que se pagam as

contas d'estes cherubins... Mas ellas possuem melhor, Theodoro: são os

cabellos côr do ouro ou côr da treva, tendo assim nas suas tranças a

apparencia emblematica das duas grandes tentações humanas--a fome do

metal precioso e o conhecimento do absoluto transcendente. E ainda teem

mais: são os braços côr de marmore, d'uma frescura de lirio orvalhado;

são os seios, sobre os quaes o grande Praxiteles modelou a sua Taça, que

é a linha mais pura e mais ídeal da Antiguidade.... Os seios, outr'ora

(na idéa d'esse ingenuo Ancião que os formou, que fabricou o mundo, e de

quem uma inimizade secular me veda de pronunciar o nome), eram

destinados á nutrição augusta da humanidade; socegue porém, Theodoro;

hoje nenhuma maman racional os expõe a essa funcção deterioradora e

severa; servem só para resplandecer, aninhados em rendas, ao gaz das

\_soirées\_,--e para outros usos secretos. As conveniencias impedem-me de

proseguir n'esta exposição radiosa das bellezas, que constituem o \_Fatal

Feminino\_... De resto as suas pupillas já rebrilham.... Ora todas estas

coisas, Theodoro, estão para além, infinitamente para além dos seus

vinte mil reís por mez... Confesse, ao menos, que estas palavras teem o

veneravel sello da verdade!...

Eu murmurei com as faces abrasadas:

--Teem.

E a sua voz proseguiu, paciente e suave:

--Que me diz a cento e cinco, ou cento e seis mil contos? Bem sei, é uma

bagatella... Mas emfim, constituem um começo; são uma ligeira

habilitação para conquistar a felicidade. Agora pondere estes factos: o

Mandarim, esse Mandarim do fundo da China, está decrepito e está

gottoso: como homem, como funccionario do celeste imperio, é mais inutil

em Pekin e na humanidade, que um seixo na bocca d'um cão esfomeado. Mas

a transformação da substancia existe: garanto-lh'a eu, que sei o segredo

das coisas... Porque a terra é assim: recolhe aqui um homem apodrecido,

e restitue-o além ao conjuncto das fórmas como vegetal viçoso. Bem póde

ser que elle, inutil como Mandarim no Imperio do Meio, vá ser util

n'outra terra como rosa perfumada ou saboroso repôlho. Matar, meu filho,

é quasi sempre equilibrar as necessidades universaes. É eliminar aqui a

excrescencia para ir além supprir a falta. Penetre-se d'estas solidas

philosophias. Uma pobre costureira de Londres anceia por vêr florir, na

sua trapeira, um vaso cheio de terra negra: uma flôr consolaria aquella

desherdada; mas na disposição dos sêres, infelizmente, n'esse momento, a

substancia que lá devia ser rosa é aqui na Baixa homem d'Estado... Vem

então o fadista de navalha aberta, e fende o estadista; o enxurro

leva-lhe os intestinos; enterram-no, com tipoias atraz; a materia começa

a desorganisar-se, mistura-se á vasta evolução dos atomos--e o superfluo

homem de governo vai alegrar, sob a fórma de amor perfeito, a agua

furtada da loura costureira. O assassino é um philanthropo! Deixe-me

resumir, Theodoro: a morte d'esse velho Mandarim idiota traz-lhe á

algibeira alguns milhares de contos. Póde desde esse momento dar

pontapés nos poderes publicos: medite na intensidade d'este gozo! É

desde logo citado nos jornaes: reveja-se n'esse maximo da gloria humana!

E agora note: é só agarrar a campainha, e fazer \_ti-li-tin.\_ Eu não sou

um barbaro: comprehendo a repugnancia d'um \_gentleman\_ em assassinar um

contemporaneo: o espirrar do sangue suja vergonhosamente os punhos, e é

repulsivo o agonisar d'um corpo humano. Mas aqui, nenhum d'esses

espectaculos torpes... É como quem chama um criado... E são cento e

cinco ou cento e seis mil contos; não me lembro, mas tenho-o nos meus

apontamentos... O Theodoro não duvída de mim. Sou um

cavalheiro:--provei-o, quando, fazendo a guerra a um tyranno na primeira

insurreição da justiça, me vi precipitado d'alturas que nem Vossa

Senhoria concebe... Um trambulhão consideravel, meu caro senhor! Grandes

desgostos! O que me consola é que o OUTRO está tambem muito abalado:

porque, meu amigo, quando um Jehovah tem apenas contra si um Satanaz,

tira-se bem de difficuldades mandando carregar mais uma legião

d'archanjos; mas quando o inimigo é o homem, armado d'uma penna de pato

e d'um caderno de papel branco--está perdido... Emfim são seis mil

contos. Vamos, Theodoro, ahi tem a campainha, seja um homem.

Eu sei o que deve a si mesmo um christão. Se este personagem me tivesse

levado ao cume d'uma montanha na Palestina, por uma noite de lua cheia,

e ahi, mostrando-me cidades, raças e imperios adormecidos, sombriamente

me dissesse:--«Mata o Mandarim, e tudo o que vês em valle e collina será

teu»,--eu saberia replicar-lhe, seguindo um exemplo illustre, e erguendo

o dedo ás profundidades constelladas:--«O meu reino não é d'este mundo!»

Eu conheço os meus authores. Mas eram cento e tantos mil contos,

offerecidos á luz d'uma vela de stearina, na travessa da Conceição, por

um sujeito de chapéo alto, apoiado a um guarda-chuva...

Então não hesitei. E, de mão firme, repeniquei a campainha. Foi talvez

uma illusão; mas pareceu-me que um sino, de bocca tão vasta como o mesmo

céo, badalava na escuridão, através do Universo, n'um tom temeroso que

decerto foi acordar sóes que faziam né-né e planetas pançudos resonando

sobre os seus eixos...

O individuo levou um dedo á palpebra, e limpando a lagrima que ennevoára

um instante o seu olho rutilante:

--Pobre Ti-Chin-Fú!...

--Morreu?

--Estava no seu jardim, socegado, armando, para o lançar ao ar, um

papagaio de papel, no passatempo honesto d'um Mandarim retirado,--quando

o surprehendeu este \_ti-li-tin\_ da campainha. Agora jaz á beira d'um

arroio cantante, todo vestido de sêda amarella, morto, de pança ao ar,

sobre a relva verde: e nos braços frios tem o seu papagaio de papel, que

parece tão morto como elle. Ámanhã são os funeraes. Que a sabedoria de

Confucio, penetrando-o, ajude a bem emigrar a sua alma!

E o sujeito, erguendo-se, tirou respeitosamente o chapéo, sahiu, com o

seu guarda-chuva debaixo do braço.

Então, ao sentir bater a porta, afigurou-se-me que emergia d'um

pesadêlo. Saltei ao corredor. Uma voz jovial fallava com a Madame

Marques; e a cancella da escada cerrou-se subtilmente.

--Quem é que sahiu agora, ó D. Augusta?--perguntei, n'um suor.

--Foi o Cabritinha que vai um bocadinho á batota...

Voltei ao quarto: tudo lá repousava tranquillo, identico, real. O

in-folio ainda estava aberto na pagina temerosa. Reli-a: agora

parecia-me apenas a prosa antiquada d'um moralista caturra; cada palavra

se tornára como um carvão apagado...

Deitei-me:--e sonhei que estava longe, para além de Pekin, nas

fronteiras da Tartaria, no kìosque d'um convento de Lamas, ouvindo

maximas prudentes e suaves que escorriam, com um aroma fino de chá, dos

labios de um Buddha vivo.

II

Decorreu um mez.

Eu, no entanto, rotineiro e triste, lá ia pondo o meu cursivo ao serviço

dos poderes publicos, e admirando aos domingos a pericia tocante com que

a D. Augusta lavava a caspa do Couceiro. Era agora evidente para mim

que, n'essa noite, eu adormecera sobre o in-folio, e sonhára com uma

«Tentação da Montanha» sob fórmas familiares. Instinctivamente, porém,

comecei a preoccupar-me com a China. Ia lêr os telegrammas á Havaneza; e

o que o meu interesse lá buscava, eram sempre as noticias do Imperio do

Meio; parece porém que, a esse tempo, nada se passava na região das

raças amarellas... A \_Agencia Havas\_ só tagarellava sobre a Herzegovina,

a Bosnia, a Bulgaria e outras curiosidades barbaras....

Pouco a pouco fui esquecendo o meu episodio phantasmagorico: e ao mesmo

tempo, como gradualmente o meu espirito reserenava, voltaram de novo a

mover-se as antigas ambições que lá habitavam,--um ordenado de Director

Geral, um seio amoroso de Lola, bifes mais tenros que os da D. Augusta.

Mas taes regalos pareciam-me tão inaccessiveis, tão nascidos do

sonho--como os proprios milhões do Mandarim. E pelo monotono deserto da

vida,--lá foi seguindo, lá foi marchando, a lenta caravana das minhas

melancolias...

Um domingo de agosto, de manhã, estirado na cama em mangas de camisa, eu

dormitava, com o cigarro apagado no labio--quando a porta rangeu

devagarinho, e entreabrindo a palpebra dormente, vi curvar-se ao meu

lado uma calva respeitosa. E logo uma voz perturbada murmurou:

--O snr. Theodoro?... O snr. Theodoro do Ministerio do Reino?...

Ergui-me lentamente sobre o cotovêlo e respondi, n'um bocejo:

--Sou eu, cavalheiro.

O individuo recurvou o espinhaço: assim na presença augusta d'el-rei

Bobeche se arquêa o cortezão... Era pequenino e obeso: a ponta das

suiças brancas roçava-lhe as lapellas do fraque d'alpaca: veneraveis

oculos d'oiro reluziam na sua face bochechuda, que parecia uma prospera

personificação da Ordem: e todo elle tremia desde a calva, lustrosa até

aos botíns de bezerro. Pigarreou, cuspilhou, balbuciou:

--São noticias para vossa senhoria! Consideráveis noticias! O meu nome é

Silvestre... Silvestre, Juliano & C.^a... Um serviçal criado de vossa

excellencia... Chegaram justamente pelo paquete de Southampton... Nós

somos correspondentes de Brito, Alves & C.^a de Macau... Correspondentes

de Craig and Co d'Hong-Kong... As letras vem d'Hong-Kong...

O sujeito engasgava-se; e a sua mão gordinha agitava em tremuras um

\_enveloppe\_ repleto, com um sello de lacre negro.

--Vossa excellencia--proseguiu--estava decerto prevenido... Nós é que o

não estavamos... A atrapalhação é natural... O que esperamos é que vossa

excellencia nos conserve a sua benevolencia... Nós sempre respeitámos

muito o caracter de vossa excellencia... Vossa excellencia é n'esta

terra uma flôr de virtude, e espelho de bons! Aqui estão os primeiros

saques sobre Bhering and Brothers de Londres... Letras a trinta dias

sobre Rothschild...

A este nome, resoante como o mesmo oiro, saltei vorazmente do leito.

--O que é isso, senhor?--gritei.

E elle, gritando mais, brandindo o \_enveloppe\_, todo alçado no bico dos

botins:

--São cento e seis mil contos, senhor! Cento e seis mil contos sobre

Londres, Paris, Hamburgo e Amsterdam, sacados a seu favor,

excellentissimo senhor!... A seu favor, excellentissimo senhor! Pelas

casas de Hong-Kong, de Chang-Hai e de Cantão, da herança depositada do

Mandarim Ti-Chin-Fú!!

Senti tremer o Globo sob os meus pés--e cerrei um momento os olhos. Mas

comprehendi, n'um relance, que eu era, desde essa hora, como uma

incarnação do Sobrenatural, recebendo d'elle a minha força e possuindo

os seus attributos. Não podia comportar-me como um homem, nem

desconsiderar-me em expansões humanas. Até, para não quebrar a linha

hieratica--abstive-me de ir soluçar, como m'o pedia a alma, sobre o

vasto seio da Madame Marques...

D'ora em diante cabia-me a impassibilidade d'um Deus--ou d'um Demonio:

dei, com naturalidade, um puxão ás calças, e disse a Silvestre, Juliano

& C.^a estas palavras:

--Está bem! O Mandarim... Esse Mandarim que disse portou-se com

cavalheirismo. Eu sei de que se trata. É uma questão de familia. Deixe

ahi os papeis... Bons dias.

Silvestre, Juliano & C.^a retirou-se, ás arrecuas, de dorso vergado e

fronte voltada ao chão.

Eu então fui abrir, toda larga, a janella: e, dobrando para traz a

cabeça, respirei o ar calido, consoladamente, como uma corça cançada...

Depois olhei para baixo, para a rua, onde toda uma burguezia se escoava,

n'uma pacata sahida de missa, entre duas filas de trens. Fixei, aqui e

além, inconscientemente, algumas cuias de senhoras, alguns metaes

brilhantes d'arreios. E de repente, veio-me esta idéa, esta triumphante

certeza--que todas aquellas tipoias as podia eu tomar á hora ou ao anno!

Que nenhuma das mulheres que via, deixaria de me offerecer o seu seio

nú, a um aceno do meu desejo! Que todos esses homens, de sobrecasaca de

domingo, se prostrariam diante de mim como diante de um Christo, de um

Mahomet ou de um Buddha, se eu lhes sacudisse junto á face cento e seis

mil contos sobre as praças da Europa!...

Apoiei-me á varanda: e ri, com tedio, vendo a agitação ephemera

d'aquella humanidade subalterna--que se considerava livre e forte, em

quanto por cima, n'uma sacada de quarto andar, eu tinha na mão, n'um

\_enveloppe\_ lacrado de negro, o principio mesmo da sua fraqueza e da sua

escravidão!... Então, satisfações do Luxo, regalos do Amor, orgulhos do

Poder, tudo gozei, pela imaginação, n'um instante, e d'um só sôrvo. Mas

logo, uma grande saciedade me foi invadindo a alma: e sentindo o mundo

aos meus pés--bocejei como um leão farto.

De que me serviam por fim tantos milhões, senão para me trazerem, dia a

dia, a affirmação desoladora da villeza humana?... E assim, ao choque de

tanto oiro, ia desapparecer aos meus olhos como um fumo a belleza moral

do Universo! Tomou-me uma tristeza mystica. Abati-me sobre uma cadeira;

e, com a face entre as mãos, chorei abundantemente.

D'ahi a pouco a Madame Marques abria a porta, toda vistosa nas suas

sêdas pretas.

--Está-se á sua espera para jantar, enguiço!...

Emergi da minha amargura para lhe responder seccamente:

--Não janto.

--Mais fica!

N'esse momento estalavam foguetes ao longe. Lembrei-me que era domingo,

dia de touros: de repente uma visão rebrilhou, flammejou, attrahindo-me

deliciosamente:--era a tourada vista d'um camarote; depois um jantar com

\_Champagne\_; á noite a orgia, como uma iniciação! Corri á mesa. Atulhei

as algibeiras de letras sobre Londres. Desci á rua com um furor d'abutre

fendendo o ar contra a presa. Uma caleche passava, vazia. Detive-a,

berrei:

--Aos touros!

--São dez tostões, meu amo!

Encarei com repulsão aquelle reles pedaço de materia organisada--que

fallava em placas de prata a um colosso d'oiro! Enterrei a mão na

algibeira ajoujada de milhões, e tirei o meu metal: tinha setecentos e

vinte!

O cocheiro bateu a anca da egoa e seguiu, resmungando. Eu balbuciei:

--Mas tenho letras!... Aqui estão! Sobre Londres! Sobre Hamburgo!...

--Não péga.

Setecentos e vinte!... E touros, jantar de lord, andaluzas nuas, todo

esse sonho expirou como uma bola de sabão que bate a ponta de um prego.

Odiei a Humanidade, abominei o Numerario. Outra tipoia, lançada a trote,

apinhada de gente festiva, quasi me atropellou n'aquella abstracção em

que eu ficára com os meus setecentos e vinte na palma da mão suada.

Cabisbaixo, enchumaçado de milhões sobre Rothschild, voltei ao meu

quarto andar; humilhei-me á Madame Marques, aceitei-lhe o bife corneo; e

passei essa primeira noite de riqueza, bocejando sobre o leito

solitario,--em quanto fóra o alegre Couceiro, o mesquinho tenente de

quinze mil reis de soldo, ria com a D. Augusta, repenicando á viola o

\_Fado da Cotovia\_.

\* \* \* \* \*

Foi só na manhã seguinte, ao fazer a barba, que reflecti sobre a origem

dos meus milhões. Ella era evidentemente sobrenatural e suspeita.

Mas como o meu Racionalismo me impedia d'attribuir estes thesouros

imprevistos á generosidade caprichosa de Deus ou do Diabo, ficções

puramente escolasticas; como os fragmentos de Positivismo, que

constituem o fundo da minha Philosophia, não me permittiam a indagação

\_das causas primarias, das origens essenciaes\_--bem depressa me decidi a

aceitar seccamente este Phenomeno; e a utilisal-o com largueza. Portanto

corri de quinzena ao vento para o \_London Brazìlian Bank\_...

Ahi, arremessei para cima do balcão um papel sobre o \_Banco

d'Inglaterra\_, de mil libras; e soltei esta deliciosa palavra:

--Oiro!

Um caixeiro suggeriu-me com doçura:

--Talvez lho fosse mais commodo em notas...

Repeti seccamente:

--Oiro!

Atulhei as algibeiras, devagar, aos punhados: e na rua, ajoujado,

icei-me para uma caleche. Sentía-me gordo, sentia-me obeso; tinha na

bocca um sabor d'oiro, uma seccura de pó d'oiro na pelle das mãos: as

paredes das casas pareciam-me faiscar como longas laminas d'oiro: e

dentro do cerebro ia-me um rumor surdo onde retilintavam metaes--como o

movimento d'um oceano que nas vagas rolasse barras d'oiro.

Abandonando-me á oscillação das molas, rebolante como um odre mal firme,

deixava cahir sobre a rua, sobre a gente, o olhar turvo e tedioso do sêr

repleto. Emfim, atirando o chapéo para a nuca, estirando a perna,

empinando o ventre, arrotei formidavelmente de flatulencia ricaça...

Muito tempo rolei assim pela cidade, bestialisado n'um gozo de Nababo.

Subitamente um brusco appetite de gastar, de dissipar oiro, veio-me

enfunar o peito como uma rajada que incha uma véla.

--Pára, animal!--berrei, ao cocheiro.

A parelha estacou. Procurei em redor com a palpebra meio cerrada alguma

coisa cara a comprar--joia de rainha ou consciencia de estadista: nada

vi; precipitei-me então para um estanco.

--Charutos! de tostão! de cruzado! Mais caros! de dez tostões!

--Quantos?--perguntou servilmente o homem.

--Todos!--respondi, com brutalidade.

Á porta, uma pobre toda de luto, com o filho encolhido ao seio,

estendeu-me a mão transparente. Incommodava-me procurar os trocos de

cobre por entre os meus punhados d'oiro. Repelli-a, impaciente: e, de

chapéo sobre o olho, encarei friamente a turba.

Foi então que avistei, adiantando-se, o vulto ponderoso do meu Director

Geral: immediatamente, achei-me com o dorso curvado em arco e o chapéo

comprimentador roçando as lages. Era o habito da dependencia: os meus

milhões não me tinham dado ainda a verticalidade á espinha...

Em casa despejei o oiro sobre o leito, e rolei-me por cima d'elle, muito

tempo, grunhindo n'um gozo surdo. A torre, ao lado, bateu tres horas; e

o sol apressado já descia, levando comsigo o meu primeiro dia de

opulencia... Então, couraçado de libras, corri a saciar-me!

Ah, que dia! Jantei n'um gabinete do Hotel Central, solitario e egoista,

com a mesa alastrada de Bordeus, Borgonha, Champagne, Rheno, licôres de

todas as communidades religiosas--como para matar uma sêde de trinta

annos! Mas só me fartei de Collares. Depois, cambaleando, arrastei-me

para o Lupanar! Que noite! A alvorada clareou por traz das persianas; e

achei-me estatelado no tapete, exhausto e semi-nú, sentindo o corpo e a

alma como esvaírem-se, dissolverem-se n'aquelle ambiente abafado onde

errava um cheiro de pó de arroz, de fêmea e de punch...

Quando voltei á travessa da Conceição, as janellas do meu quarto estavam

fechadas, e a véla expirava, com fogachos lividos, no castiçal de latão.

Então ao chegar junto á cama, vi isto: estirada de través, sobre a

coberta, jazia uma figura bojuda, de Mandarim fulminado, vestida de sêda

amarella, com um grande rabicho solto; e entre os braços como morto

tambem, tinha um papagaio de papel!

Abri desesperadamente a janella: tudo desappareceu;--o que estava agora

sobre o leito era um velho paletot alvadio.

III

Então começou a minha vida de milionario. Deixei bem depressa a casa da

Madame Marques--que, desde que me sabía rico, me tratava todos os dias a

arroz dôce, e ella mesma me servia, com o seu vestido de sêda dos

domingos. Comprei, habitei o palacete amarello, ao Loreto: as

magnificencias da minha installação são bem conhecidas pelas gravuras

indiscretas da Illustração Franceza. Tornou-se famoso na Europa o meu

leito, d'um gosto exuberante e barbaro, com a barra recoberta de laminas

d'ouro lavrado, e cortinados d'um raro brocado negro onde ondeam,

bordados a perolas, versos eroticos de Catullo; uma lampada, suspensa no

interior, derrama alli a claridade lactea e amorosa d'um luar de verão.

Os meus primeiros mezes ricos, não o occulto, passei-os a amar--a amar

com o sincero bater de coração d'um pagem inexperiente. Tinha-a visto,

como n'uma pagina de novella, regando os seus craveiros á varanda:

chamava-se Candida; era pequenina, era loira; morava a Buenos-Ayres,

n'uma casinha casta recoberta de trepadeiras; e lembrava-me pela graça e

pelo airoso da cinta, tudo o que a Arte tem creado de mais fino e

fragil--Mimi, Virginia, a Joanninha do Valle de Santarem.

Todas as noites eu cahia, em extasis de mystico, aos seus pés côr de

jaspe. Todas as manhãs lhe alastrava o regaço de notas de vinte mil

reis: ella repellia-as primeiro com um rubor,--depois, ao guardal-as na

gaveta, chamava-me o seu \_anjo Tótó\_.

Um dia que eu me introduzira, a passos subtis, por sobre o espesso

tapete syrio, até ao seu \_boudoir\_--ella estava escrevendo, muito

enlevada, de dedinho no ar: ao vêr-me, toda tremula, toda pallida,

escondeu o papel que tinha o seu monogramma. Eu arranquei-lh'o, n'um

ciume insensato. Era a carta, a carta costumada, a carta necessaria, a

carta que desde a velha antiguidade a mulher sempre escreve; começava

por \_meu idolatrado\_--e era para um alferes da visinhança...

Desarraiguei logo esse sentimento do meu peito como uma planta venenosa.

Descri para sempre dos Anjos loiros, que conservam no olhar azul o

reflexo dos céos atravessados: de cima do meu oiro, deixei cahir sobre a

Innocencia, o Pudor, e outras idealisações funestas acida gargalhada de

Mephistopheles: e organisei friamente uma existencia animal, grandiosa e

cynica.

\* \* \* \* \*

Ao bater do meio dia, entrava na minha tina de marmore côr de rosa, onde

os perfumes derramados davam á agua um tom opaco de leite: depoîs pagens

tenros, de mão macia, fríccionavam-me com o ceremonial de quem celebra

um culto: e embrulhado n'um \_robe-de-chambre\_ de sêda da India, através

da galeria, dando aqui e além um olhar aos meus Fortunys e aos meus

Corots, entre alas silenciosas de lacaios, dirigia-me ao bife á ingleza,

servido em Sèvres, azul e oiro.

O resto da manhã, se havia calor, passava-o sobre coxins de setim côr de

perola, n'um \_boudoir\_ em que a mobilia era de porcelana fina de Dresde

e as flôres faziam um jardim d'Armida; ahi, saboreava o Diario de

Noticiais, em quanto lindas raparigas vestidas á japoneza refrescavam o

ar, agitando leques de plumas.

De tarde ia dar uma volta a pé, até ao Pote das Almas: era a hora mais

pesada do dia: encostado á bengala, arrastando as pernas molles, abria

bocejos de fera saciada,---e a turba abjecta parava a contemplar, em

extasis, o Nababo enfastiado!

Ás vezes vinha-me como uma saudade dos meus tempos occupados da

Repartição. Entrava em casa; e encerrado na livraria, onde o Pensamento

da Humanidade repousava esquecido e encadernado em marroquim, aparava

uma penna de pato, e ficava horas lançando sobre folhas do meu querido

Tojal d'outr'ora: «\_Ill.^{mo} e Exc.^{mo} Snr.--Tenho a honra de participar

a V. Exc.^a... Tenho a honra de passar ás mãos de V. Exc.^a!...\_».

Ao começo da noite um criado, para annunciar o jantar, fazia soar pelos

corredores na sua tuba de prata, á moda gothica, uma harmonia solemne.

Eu erguia-me e ia comer, magestoso e solitario. Uma populaça de lacaios,

de librés de sêda negra, servia, n'um silencio de sombras que resvalam,

as vitualhas raras, vinhos do preço de joias: toda a mesa era um

esplendor de flôres, luzes, crystaes, scintillações d'oiro:--e

enrolando-se pelas pyramides de fructos, misturando-se ao vapor dos

pratos, errava, como uma nevoa subtil, um tedio inenarravel...

Depois, apopletico, atirava-me para o fundo do coupé--e lá ia ás

Janellas Verdes onde nutria, n'um jardim de serralho, entre requintes

musulmanos, um viveiro de fêmeas: revestiam-me d'uma tunica de sêda

fresca e perfumada,--e eu abandonava-me a delirios abominaveis...

Traziam-me semi-morto para casa, ao primeiro alvor da manhã: fazia

machinalmente o meu signal da cruz, e d'ahi a pouco roncava de ventre ao

ar, livido e com um suor frio, como um Tiberio exhausto.

\* \* \* \* \*

Entretanto Lisboa rojava-se aos meus pés. O pateo do palacete estava

constantemente invadido por uma turba: olhando-a enfastiado das janellas

da galeria, eu via lá branquejar os peitilhos da Aristocracia, negrejar

a sotaina do Clero, e luzîr o suor da Plebe: todos vinham supplicar, de

labio abjecto, a honra do meu sorriso e uma participação no meu oiro. Ás

vezes, consentia em receber algum velho de titulo historico:--elle

adiantava-se pela sala, quasi roçando o tapete com os cabellos brancos,

tartamudeando adulações; e immediatamente, espalmando sobre o peito a

mão de fortes vêas onde corria um sangue de tres seculos, offerecia-me

uma filha bem-amada para esposa ou para concubina.

Todos os cidadãos me traziam presentes como a um Idolo sobre o

altar--uns Odes votivas, outros o meu monogramma bordado a cabello,

alguns chinelas ou boquilhas, cada um a sua consciencia. Se o meu olhar

amortecido fixava, por acaso, na rua, uma mulher--era logo ao outro dia

uma carta em que a creatura, esposa ou prostituta, me offertava a sua

nudez, o seu amor, e todas as complacencias da lascivia.

Os jornalistas esporeavam a imaginação para achar adjectivos dignos da

minha grandeza; fui o \_sublime snr. Theodoro\_, cheguei a ser o \_celeste

snr. Theodoro\_; então, desvairada, a Gazeta das Locaes chamou-me o

\_extra-celeste snr. Theodoro\_! Diante de mim nenhuma cabeça ficou jámais

coberta--ou usasse a corôa ou o côco. Todos os dias me era offerecida

uma Presidencia de Ministerio ou uma Direcção de Confraria. Recusei

sempre, com nojo.

Pouco a pouco o rumor das minhas riquezas foi passando os confins da

Monarchia. O Figaro, cortezão, em cada numero fallou de mim,

preferindo-me a Henrique V; o grotesco immortal, que assigna

\_Saint-Genest\_, dirigiu-me apostrophes convulsivas, pedindo-me para

salvar a França; e foi então que as Illustrações estrangeiras

publicaram, a côres, as scenas do meu viver. Recebi de todas as

princezas da Europa enveloppes, com sêllos heraldicos, expondo-me, por

photographias, por documentos, a fórma dos seus corpos e a antiguidade

das suas genealogias. Duas pilherias que soltei durante esse anno foram

telegraphadas ao Universo pelos fios da Agencia Havas; e fui considerado

mais espirituoso que Voltaire, que Rochefort, e que esse fino

entendimento que se chama \_Todo-o-Mundo\_. Quando o meu intestino se

alliviava com estampido--a Humanidade sabia-o pelas gazetas. Fiz

emprestimos aos Reis, subsidiei guerras civis--e fui caloteado por todas

as Republicas latinas que orlaram o golfo do Mexico.

E eu, no entanto, vivia triste...

\* \* \* \* \*

Todas as vezes que entrava em casa estacava, arripiado, diante da mesma

visão: ou estirada no limiar da porta, ou atravessada sobre o leito

d'oiro--lá jazia a figura bojuda, de rabicho negro e tunica amarella,

com o seu papagaio nos braços... Era o Mandarim Ti-Chin-Fú! Eu

precipitava-me, de punho erguido: e tudo se dissipava.

Então cahia aniquilado, todo em suor, sobre uma poltrona, e murmurava no

silencio do quarto, onde as vélas dos candelabros davam tons

ensaguentados aos damascos vermelhos:

--\_Preciso matar este morto\_!

E todavia, não era esta impertinencia d'um velho phantasma pançudo,

accommodando-se nos meus moveis, sobre as minhas colchas, que me fazia

saber mal a vida.

O horror supremo consistia na idéa, que se me cravára então no espirito

como um ferro inarrancavel--\_que eu tinha assassinado um velho\_!

Não fôra com uma corda em torno da garganta á moda musulmana; nem com

veneno n'um calix de vinho de Syracusa, á maneira italiana da

Renascença; nem com algum dos methodos classicos, que na historia das

Monarchias teem recebido consagrações augustas--a punhal como D. João

II, á clavina como Carlos IX...

Tinha eliminado a creatura, de longe, com uma campainha. Era absurdo,

phantastico, faceto. Mas não diminuia a tragica negrura do facto: \_eu

assassinára um velho\_!

Pouco a pouco esta certeza ergueu-se, petrificou-se na minha alma, e

como uma columna n'um descampado dominou toda a minha vida interior: de

sorte que, por mais desviado caminho que tomassem os meus pensamentos

viam sempre negrejar no horisonte aquella Memoria accusadora; por mais

alto que se levantasse o vôo das minhas imaginações, ellas terminavam

por ir fatalmente ferir as azas n'esse Monumento de miseria moral.

Ah! por mais que se considere Vida e Morte como banaes transformações da

Substancia, é pavoroso o pensamento--que se fez regelar um sangue

quente, que se immobilisou um musculo vivo! Quando depois de jantar,

sentindo ao lado o aroma do café, eu me estirava no sophá, enlanguecido,

n'uma sensação de plenitude, elevava-se logo dentro em mim, melancolico

como o côro que vem d'um ergastulo, todo um susurro de accusações:

--E todavia tu fizeste que esse bem-estar em que te regalas, nunca mais

fosse gozado pelo veneravel Ti-Chin-Fú!...

Debalde eu replicava á Consciencia, lembrando-lhe a decrepitude do

Mandarim, a sua gôta incuravel... Facunda em argumentos, gulosa de

controversia, ella retorquia logo com furor:

--Mas, ainda na sua actividade mais resumida, a vida é um bem supremo:

porque o encanto d'ella reside no seu principio mesmo, e não na

abundancia das suas manifestações!

Eu revoltava-me contra este pedantismo rhetorico de pedagogo rigido:

erguia alto a fronte, gritava-lhe n'uma arrogancia desesperada:

--Pois bem! Matei-o! Melhor! Que queres tu? o teu grande nome de

Consciencia não me assusta! És apenas uma perversão da sensibilidade

nervosa. Posso eliminar-te com \_flôr de laranja\_!

E immediatamente sentia passar-me n'alma, com uma lentidão de briza, um

rumor humilde de murmurações ironicas:

--Bem, então come, dorme, banha-te e ama...

Eu assim fazia. Mas logo, os proprios lençoes de Bretanha do meu leito

tomavam aos meus olhos apavorados os tons lividos d'uma mortalha; a agua

perfumada em que me mergulhava arrefecia-me sobre a pelle, com a

sensação espessa d'um sangue que coalha: e os peitos nús das minhas

amantes entristeciam-me, como lapides de marmore que encerram um corpo

morto.

Depois assaltou-me uma amargura maior: comecei a pensar que Ti-Chin-Fú

tinha de certo uma vasta familia, netos, bisnetos tenros, que,

despojados da herança que eu comia á farta em pratos de Sèvres, n'uma

pompa de sultão perdulario, iam atravessando na China todos os infernos

tradicionaes da miseria humana--os dias sem arroz, o corpo sem agasalho,

a esmola recusada, a rua lamacenta por morada...

Comprehendi então porque me perseguia a figura obesa do velho letrado; e

dos seus labios recobertos pelos longos pellos brancos do seu bigode de

sombra, parecia-me sahir agora esta accusação desolada:--«Eu não me

lamento a mim, fórma meio morta que era; chóro os tristes que

arruinaste, e que a estas horas, quando tu vens do seio fresco das tuas

amorosas, gemem de fome, regelam na frialdade, apinhados n'um grupo

expirante, entre leprosos e ladrões, na \_Ponte dos Mendigos\_, ao pé dos

terraços do Templo do Céo!»

Oh tortura engenhosa! Tortura realmente chineza! Não podia levar á bocca

um pedaço de pão sem imaginar immediatamente o bando faminto de

criancinhas, a descendencia de Ti-Chin-Fú, penando, como passarinhos

implumes que abrem debalde o bico e piam em ninho abandonado; se me

abafava no meu paletot era logo a visão de desgraçadas senhoras, mimosas

outr'ora de tepido conforto chinez, hoje rôxas de frio, sob andrajos de

velhas sêdas, por uma manhã de neve; o tecto d'ébano do meu palacete

lembrava-me a familia do Mandarim, dormindo á beira dos canaes, farejada

pelos cães; e o meu coupé bem forrado fazia-me arripiar á idéa das

longas caminhadas errantes, por estradas encharcadas, sob um duro

inverno asiatico.

O que eu soffria!--E era o tempo em que a populaça invejosa vinha pasmar

para o meu palacete, commentando as felicidades inaccessiveis que lá

deviam habitar!

Emfim, reconhecendo que a Consciencia era dentro em mim como uma

serpente irritada--decidi implorar o auxilio d'Aquelle que dizem ser

superior á Consciencia porque dispõe da Graça.

Infelizmente eu não acreditava n'Elle... Recorri pois á minha antiga

divindade particular, ao meu dilecto idolo, padroeira da minha familia,

Nossa Senhora das Dôres. E, regiamente pago, um povo de curas e conegos,

pelas cathedraes de cidade e pelas capellas d'aldêa, foi pedindo a Nossa

Senhora das Dôres que voltasse os seus olhos piedosos para o meu mal

interior... Mas nenhum allivio desceu d'esses céos inclementes, para

onde ha milhares d'annos debalde sobe o clamor da miseria humana.

Então eu proprio me abysmei em praticas piedosas--e Lisboa assistiu a

este espectaculo extraordinario: um ricaço, um Nababo, prostrando-se

humildemente ao pé dos altares, balbuciando de mãos postas phrases de

\_Salvè-Rainha\_, como se visse na Oração e no Reino do Céo que ella

conquista, outra cousa mais que uma consolação ficticia que os que

possuem tudo inventaram para contentar os que não possuem nada... Eu

pertenço á Burguezia; e sei que se ella mostra á Plebe desprovída um

paraiso distante, gozos ineffaveis a alcançar--é para lhe afastar a

attenção dos seus cofres repletos e da abundancia das suas searas.

Depois, mais inquieto, fiz dizer milhares de missas, simples e cantadas,

para satisfazer a alma errante de Ti-Chin-Fú. Pueril desvario d'um

cerebro peninsular! O velho Mandarim na sua classe de letrado, de membro

da Academia dos Han-Lin, collaborador provavel do grande tratado

Khou-Tsuane-Chou que já tem setenta e oito mil e setecentos e trinta

volumes, era certamente um sectario da Doutrina, da Moral positiva de

Confucio... Nunca elle, sequer, queimára mechas perfumadas em honra de

Buddha: e os ceremoniaes do Sacrificio mystico deviam parecer á sua

abominavel alma de grammatico e de sceptico como as pantomimas dos

palhaços, no theatro de Hong-Tung!

Então prelados astutos, com experiencia catholica, deram-me um conselho

subtil--captar a benevolencia de Nossa Senhora das Dores com presentes,

flôres, brocados e joias, como se quizesse alcançar os favores

d'Aspasia: e á maneira d'um banqueiro obeso, que obtem as complacencias

d'uma dançarina dando-lhe um \_Cottage\_ entre arvores--eu, por uma

suggestão sacerdotal, tentei peitar a dôce Mãi dos Homens, erguendo-lhe

uma cathedral toda de marmore branco. A abundancia das flôres punha

entre os pilares lavrados perspectivas de paraisos: a multiplicidade dos

lumes lembrava uma magnificencia sideral... Despezas vãs! O fino e

erudito cardeal Nani veio de Roma consagrar a Igreja; mas, quando eu

n'esse dia entrei a visitar a minha hospeda divina, o que vi, para além

das calvas dos celebrantes, entre a mystica nevoa dos incensos, não foi

a Rainha da Graça, loira, na sua tunica azul,--foi o velho malandro com

o seu olho obliquo e o seu papagaio nos braços! Era a \_elle\_, ao seu

branco bigode tartaro, á sua pança côr d'oca, que todo um sacerdocio

recamado d'oiro estava offerecendo, ao roncar do orgão, a Eternidade dos

Louvores!...

\* \* \* \* \*

Então, pensando que Lisboa, o meio dormente em que me movia, era

favoravel ao desenvolvimento d'estas imaginações--parti, viajei

sobriamente, sem pompa, com um bahú e um lacaio.

Visitei, na sua ordem, classica, Paris, a banal Suissa, Londres, os

lagos taciturnos da Escocia; ergui a minha tenda diante das muralhas

evangelicas de Jerusalém; e d'Alexandria a Thebas, fui ao comprido

d'esse longo Egypto monumental e triste como o corredor d'um mausoléo.

Conheci o enjôo dos paquetes, a monotonia das ruinas, a melancolia das

multidões desconhecidas, as desillusões do \_boulevard\_: e o meu mal

interior ia crescendo.

Agora já não era só a amargura de ter despojado uma familia veneravel:

assaltava-me o remorso mais vasto de ter privado toda uma sociedade d'um

Personagem fundamental, um letrado experiente, columna da Ordem, esteio

d'Instituições. Não se póde arrancar assim a um Estado uma personalidade

do valor de cento e seis mil contos, sem lhe perturbar o equilibrio...

Esta idéa pungia-me, acerbamente. Anciei por saber se na verdade a

desapparição de Ti-Chin-Fú fôra funesta á decrepita China: li todos os

jornaes de Hong-Kong e de Chang-Hai, velei a noite sobre Historias de

viagens, consultei sabios missionarios:--e artigos, homens, livros, tudo

me falla da decadencia do Imperio do Meio, provincias arruinadas,

cidades moribundas, plebes esfomeadas, pestes e rebelliões, templos

aluindo-se, leis perdendo a authoridade, a decomposição d'um mundo, como

uma nau encalhada que a vaga desfaz tábua a tábua!...

E eu attribuia-me estas desgraças da Sociedade chineza! No meu espirito

doente Ti-Chin-Fú! tomára então o valor desproporcionado d'um Cesar, um

Moysés, um d'esses sêres providenciaes que são a força d'uma raça. Eu

matára-o; e com elle desapparecera a vitalidade da sua patria! O seu

vasto cerebro poderia talvez ter salvado, a rasgos geniaes, aquella

velha monarchia asiatica--e eu immobilisára-lhe a acção creadora! A sua

fortuna concorreria a refazer a grandeza do Erario--e eu estava-a

dissipando a offerecer pecegos em janeiro ás messalinas do

Helder!...--Amigos, conheci o remorso colossal de ter arruinado um

imperio!

Para esquecer este tormento complicado, entreguei-me á orgia.

Installei-me n'um palacete da avenida dos Campos-Elysios--e fui medonho.

Dava festas á Trimalcião: e, nas horas mais asperas de furia libertina,

quando das charangas, na estridencia brutal dos cobres, rompiam os

\_can-cans\_; quando prostitutas, de seio desbragado, ganiam coplas

canalhas; quando os meus convidados bohemios, atheus de cervejaria,

injuriavam Deus, com a taça de \_Champagne\_ erguida--eu, tomado

subitamente como Heliogabalo d'um furor de bestialidade, d'um ódio

contra o Pensante e o Consciente, atirava-me ao chão a quatro patas e

zurrava formidavelmente de burro...

Depois quiz ir mais baixo, ao deboche da plebe, ás torpezas alcoólicas

do \_Assomoir\_: e quantas vezes, vestido de blusa, com o casquete para a

nuca, de braço dado com \_Mes-Bottes\_ ou \_Bibi-la-Gaillarde\_, n'um tropel

avinhado, fui cambaleando pelos \_boulevards\_ exteriores, a uivar, entre

arrotos:

\_Allons, enfants de la patrie-e-e!...

Le jour de gloire est arrivé...\_

Foi uma manhã, depois d'um d'estes excessos, á hora em que nas trevas da

alma do debochado se ergue uma vaga aurora espiritual--que me nasceu, de

repente, a idéa de partir para a China! E, como soldados em acampamento

adormecido, que ao som do clarim se erguem, e um a um se vão juntando e

formando columna--outras idéas se foram reunindo no meu espirito,

alinhando-se, completando um plano formidavel... Partiria para Pekin;

descobriria a familia de Ti-Chin-Fú; esposando uma das senhoras,

legitimaría a posse dos meus milhões; daria áquella casa letrada a

antiga prosperidade; celebraria funeraes pomposos ao Mandarim, para lhe

acalmar o espirito irritado; iria pelas provincias miseraveis fazendo

colossaes distribuições d'arroz; e, obtendo do Imperador o botão de

crystal de Mandarim, accesso facil a um bacharel, substituir-me-hia á

personalidade desapparecida de Ti-Chin-Fú--e poderia assim restituir

legalmente á sua patria, senão a authoridade do seu saber, ao menos a

força do seu oiro.

Tudo isto, por vezes, me apparecia como um programma indefinido,

nevoento, pueril e idealista. Mas já o desejo d'esta aventura original e

epica me envolvera; e eu ia, arrebatado por elle, como uma folha secca

n'uma rajada.

Anhelei, suspirei por pisar a terra da China!--Depois d'altos

preparativos, apressados a punhados d'oiro, uma noite parti emfim para

Marselha. Tinha alugado todo um paquete, o \_Ceylão\_. E na manhã

seguinte, por um mar azul-ferrete, sob o vôo branco das gaivotas, quando

os primeiros raios do sol ruborisavam as torres de Nossa Senhora da

Guarda, sobre o seu rochedo escuro--puz a prôa ao Oriente.

IV

O Ceylão teve uma viagem calma e monotona até Chang-Hai.

D'ahi subimos pelo rio Azul a Tien-Tsin n'um pequeno \_steamer\_ da

Companhia Russel. Eu não vinha visitar a China n'uma curiosidade ociosa

de \_touriste\_: toda a paizagem d'essa provincia, que se assemelha á dos

vasos de porcelana, d'um tom azulado e vaporoso, com collinasinhas

calvas e de longe a longe um arbusto bracejante, me deixou sombriamente

indifferente.

Quando o capitão do \_steamer\_, um \_yankee\_ impudente de focinho de

chibo, ao passarmos á altura de Nankin, me propoz parar, ir percorrer as

ruinas monumentaes da velha cidade de porcelana,--eu recusei, com um

movimento secco de cabeça, sem mesmo desviar os olhos tristes da

corrente barrenta do rio.

Que pesados e soturnos me pareceram os dias de navegação de Tien-Tsin a

Tung-Chou, em barcos chatos que o cheiro dos remadores chinezes

empestava; ora através de terras baixas inundadas pelo Pei-hó, ora ao

longo de pallidos e infindaveis arrozaes; passando aqui uma lugubre

aldêa de lama negra, além um campo coberto de esquifes amarellos;

topando a cada momento com cadaveres de mendigos, inchados e

esverdeados, que desciam ao fio d'agua, sob um céo fusco e baixo!

Em Tung-Chou fiquei surprehendido, ao dar com uma escolta de cossacos

que mandava ao meu encontro o velho general Camilloff, heroico official

das campanhas da Asia Central, e então embaixador da Russia em Pekin. Eu

vinha-lhe recommendado como um sêr precioso e raro: e o verboso

interprete Sá-Tó, que elle punha ao meu serviço, explicou-me que as

cartas de sêllo imperial, avisando-o da minha chegada, recebera-as elle,

havia semanas, pelos correios da Chancellaria que atravessam a Siberia

em trenó, descem a dorso de camêlo até á Grande Muralha tartara, e

entregam ahi a mala a esses corredores mongolicos, vestidos de coiro

escarlate, que dia e noite galopam sobre Pekin.

Camilloff enviava-me um poney da Manchouria, ajaezado de sêda, e um

cartão de visita, com estas palavras traçadas a lapis sob o seu nome:

«\_Saúde! o animal é dôce de bocca\_!»

Montei o poney: e a um \_hurrah\_! dos cossacos, n'um agitar heroico de

lanças, partimos á desfilada pela poeirenta planicie--porque já a tarde

declinava, e as portas de Pekin fecham-se mal o ultimo raio de sol deixa

as torres do Templo do Céo. Ao principio seguimos uma estrada, caminho

batido do transito das caravanas, atravancado de enormes lages de

marmore dessoldadas da antiga Via Imperial. Depois passámos a ponte de

Pa-li-kao, toda de marmore branco, flanqueada de dragões arrogantes.

Vamos correndo então á beira de canaes d'agua negra: começam a apparecer

pomares, aqui e além uma aldêa de côr azulada, aninhada ao pé de um

Pagode:--de repente, a um cotovêlo do caminho, paro assombrado...

Pekin está diante de mim! É uma vasta muralha, monumental e barbara,

d'um negro baço, estendendo-se a perder de vista, e, destacando, com as

architecturas babylonicas das suas portas de tectos recurvos, sobre um

fundo de poente de purpura ensanguentada...

Ao longe, para o Norte, n'um vago de vapor roxo, esbatem-se, como

suspensas no ar, as montanhas da Mongolia...

Uma rica liteira esperava-me á porta de Tung-Tsen-Men, para eu

atravessar Pekin até á Residencia militar de Camilloff. A muralha agora,

ao perto, parecia erguer-se até aos céos com o horror d'uma construcção

biblica: á sua base apinhava-se uma confusão de barracas, feira exotica,

onde rumorejava uma multidão, e a luz de lanternas oscillantes cortava

já o crepúsculo de vagas manchas côr de sangue; os toldos brancos faziam

ao pé do negro muro como um bando de borboletas pousadas.

Senti-me triste; subi á liteira, cerrei as cortinas de sêda escarlate

todas bordadas a oiro; e cercado dos cossacos, eis-me entrando a velha

Pekin, por essa porta babelica, na turba tumultuosa, entre carretas,

cadeirinhas de xarão, cavalleiros mongolicos armados de flechas, bonzos

de tunica alvejante marchando um a um, e longas filas de lentos

dromedarios balançando a sua carga em cadencia...

D'ahi a pouco a liteira parou. O respeitoso Sá-Tó correu as cortinas, e

vi-me n'um jardim, escurecido e calado, onde, por entre sycomoros

seculares, kiosques alumiados brilhavam com uma luz dôce, como colossaes

lanternas pousadas sobre a relva: e toda a sorte de aguas correntes

murmuravam na sombra. Sob um peristilo feito de madeiros pintados a

vermelhão, aclarado por fios de lampadas de papel transparente,

esperava-me um membrudo figurão, de bigodes brancos, apoiado a um grosso

espadão. Era o general Camilloff. Ao adiantar-me para elle, eu sentia o

passo inquieto das gazellas fugindo de leve sob as arvores...

O velho heroe apertou-me um momento ao peito, e conduziu-me logo,

segundo os usos chinezes, ao banho da hospitalidade, uma vasta tina de

porcelana, onde entre rodelas finas de limão sobrenadavam esponjas

brancas, n'um perfume forte de lilaz...

Pouco depois a lua banhava deliciosamente os jardins: e eu, muito

fresco, de gravata branca, entrava pelo braço de Camilloff no \_boudoir\_

da generala. Era alta e loira; tinha os olhos verdes das sereias de

Homero; no decote baixo do seu vestido de sêda branca pousava uma rosa

escarlate; e nos dedos, que lhe beijei, errava um aroma fino de sandalo

e de chá.

Conversámos muito da Europa, do Nihilismo, de Zola, de Leão XIII, e da

magreza de Sarah Bernardth...

Pela galeria aberta penetrava um ar calido que rescendia a heliotropio.

Depois ella sentou-se ao piano--e a sua voz de contralto quebrou até

tarde os silencios melancolicos da cidade tartara, com as picantes arias

de \_Madame Favart\_ e com as melodias afagantes do \_Rei de Lahore\_.

\* \* \* \* \*

Ao outro dia cedo, encerrado com o general n'um dos kiosques do jardim,

contei-lhe a minha lamentavel historia e os motivos fabulosos que me

traziam a Pekin. O heroe escutava, cofiando sombriamente o seu espesso

bigode cossaco...

--O meu prezado hospede sabe o chinez?--perguntou-me de repente, fixando

em mim a pupilla sagaz.

--Sei duas palavras importantes, general: \_Mandarim\_ e \_chá\_.

Bile passou a sua mão de fortes cordovêas sobre a medonha cicatriz que

lhe sulcava a calva:

--\_Mandarim\_, meu amigo, não é uma palavra chineza, e ninguem a entende

na China. É o nome que no seculo XVI os navegadores do seu paiz, do seu

bello paiz...

--Quando nós tinhamos navegadores...--murmurei, suspirando.

Elle suspirou tambem, por polidez, e continuou:

--...Que os seus navegadores deram aos funccionarios chinezes. Vem do

seu verbo, do seu lindo verbo...

--Quando tinhamos verbos...--rosnei, no habito instinctivo de deprimir a

patria.

Elle esgazeou um momento o seu olho redondo de velho mocho--e proseguiu

paciente e grave:

--Do seu lindo verbo \_mandar\_ ... Resta-lhe por tanto \_chá\_. É um

vocabulo que tem um vasto papel na vida chineza, mas julgo-o

insufficiente para servir a todas as relações sociaes. O meu estimavel

hospede pretende esposar uma senhora da famillia Ti-Chin-Fú, continuar a

grossa influencia que exercia o Mandarim, substituir, domestica e

socialmente, esse chorado defunto... Para tudo isto dispõe da palavra

\_chá\_. É pouco.

Não pude negar--que era pouco. O venerando russo, franzindo o seu nariz

adunco de milhafre, pôz-me ainda outras objecções que eu via erguerem-se

diante do meu desejo--como as muralhas mesmas de Pekin: nenhuma senhora

da familia Ti-Chin-Fú consentiria jámais em casar com um barbaro; e

seria impossivel, terrivelmente impossivel que o Imperador, o Filho do

Sol, concedesse a um estrangeiro as honras privilegiadas d'um

Mandarim...

--Mas porque m'as recusaria?--exclamei.--Eu pertenço a uma boa familia

da provincia do Minho. Sou bacharel formado: portanto na China, como em

Coimbra, sou um letrado! Já fiz parte d'uma repartição publica... Possuo

milhões... Tenho a experiencia do estylo administrativo...

O general ia-se curvando com respeito a esta abundancia dos meus

attributos.

--Não é--disse elle emfim--que o Imperador realmente o recusasse: é que

o individuo que lh'o propozesse seria immediatamente decapitado. A lei

chineza, n'este ponto, é explicita e secca.

Baixei a cabeça, acabrunhado.

--Mas, general--murmurei--eu quero livrar-me da presença odiosa do velho

Ti-Chin-Fú e do seu papagaio!... Se eu entregasse metade dos meus

milhões ao thesouro chinez, já que não me é dado pessoalmente

applical-os, como Mandarim, á prosperidade do Estado...? Talvez

Ti-Chin-Fú se calmasse...

O general pousou-me paternalmente a vasta mão sobre o hombro:

--Êrro, consideravel êrro, mancebo! Esses milhões nunca chegariam ao

thesouro imperial. Ficariam nas algibeiras insondaveis das classes

dirigintes: seriam dissipados em plantar jardins, colleccionar

porcelanas, tapetar de pelles os soalhos, fornecer sêdas ás concubinas:

não alliviariam a fome d'um só chinez, nem reparariam uma só pedra das

estradas publicas... Iriam enriquecer a orgia asiatica. A alma de

Ti-Chin-Fú deve conhecer bem o Imperio: e isso não a satisfaria.

--E se eu empregasse parte da fortuna do velho malandro em fazer

particularmente, como philanthropo, largas distribuições d'arroz á

populaça faminta? É uma idéa...

--Funesta--disse o general, franzindo medonhamente o sobr'olho.--A côrte

imperial veria ahi immediatamente uma ambição politica, o tortuoso plano

de ganhar os favores da plebe, um perigo para a Dynastia... O meu bom

amigo seria decapitado... É grave...

--Maldição!--berrei.---Então para que vim eu á China?

O diplomata encolheu vagarosamente os hombros; mas logo, mostrando n'um

sorriso astuto os seus dentes amarellos de cossaco:

--Faça uma coisa. Procure a familia de Ti-Chin-Fú... Eu indagarei do

primeiro ministro, sua excellencia o principe Tong, onde pára essa prole

interessante... Reuna-os, atire-lhes uma ou duas duzias de milhões...

Depois prepare ao defunto funeraes regios. Funeraes d'alto ceremonial,

com um prestito d'uma legua, filas de bonzos, todo um mundo de

estandartes, palanquins, lanças, plumas, andores escarlates, legiões de

carpideiras ululando sinistramente, etc. etc... Se depois de tudo isto a

sua consciencia não adormecer e o phantasma insistir...

--Então?

--Córte as guelas.

--Obrigado, general.

\* \* \* \* \*

Uma coisa porém era evidente, e n'ella concordaram Camilloff, o

respeitoso Sá-Tó e a generala:--que, para frequentar a familia

Ti-Chin-Fú, seguir os funeraes, misturar-me á vida de Pekin, eu devia

desde já vestir-me como um chinez opulento, da classe letrada, para me

ir habituando ao traje, ás maneiras, ao ceremonial mandarim...

A minha face amarellada, o meu longo bigode pendente favoreciam a

caracterisação:--e quando na manhã seguinte, depois d'arranjado pelos

costureiros engenhosos da rua Chá-Coua, entrei na sala forrada de sêda

escarlate, onde já rebrilhavam as porcelanas do almoço sobre a mesa de

charão negro,--a generala recuou como á appariçâo do proprio Tong-Tché,

Filho do Céo!

Eu trazia uma tunica de brocado azul escuro abotoada ao lado, com o

peitilho ricamente bordado de dragões e flôres d'oiro: por cima um

casabeque de sêda de um tom azul mais claro, curto, amplo e fôfo: as

calças de setim côr de avellã descobriam ricas babouches amarellas

pespontadas a perolas, e um pouco da meia picada d'estrellinhas negras:

e á cinta, n'uma linda facha franjada de prata, tinha mettido um leque

de bambú, dos que teem o retrato do philosopho Lá-o-Tsé e são fabricados

em Swaton.

E, pelas mysteriosas correlações com que o vestuario influenceia o

caracter, eu sentia já em mim idéas, instinctos chinezes:--o amor dos

ceremoniaes meticulosos, o respeito bureocratico das fórmulas, uma ponta

de scepticismo letrado; e tambem um abjecto terror do Imperador, o odio

ao estrangeiro, o culto dos antepassados, o fanatismo da tradição, o

gosto das coisas assucaradas...

Alma e ventre, era já totalmente um Mandarim. Não disse á

generala:--\_Bon jour, Madame\_. Dobrado ao meio, fazendo girar os punhos

fechados sobre a fronte abaixada, fiz gravemente o \_chin-chin\_!

--É adorável, é precioso!--dizia ella, com o seu lindo riso, batendo as

maosinhas pallidas.

N'essa manhã, em honra da minha nova incarnação, havia um almoço chinez.

Que gentis guardanapos de papel de sêda escarlate, com monstros

fabulosos desenhados a negro! O serviço começou por ostras de Ning-Pó.

Eximias! Absorvi duas duzias com um intenso regalo chinez. Depois vieram

deliciosas febras de barbatana de tubarão, olhos de carneiro com picado

d'alho, um prato de nenufares em calda d'assucar, laranjas de Cantão, e

emfim o arroz sacramental, o arroz dos avós...

Delicado repasto, regado largamente de excellente vinho de Chão-Chigne!

E por fim, com que gôzo recebi a minha taça d'agua a ferver, onde deitei

uma pitada de folhas de chá imperial, da primeira colheita de março,

colheita unica, que é celebrada como um rito santo pelas mãos puras de

virgens!...

Duas cantadeiras entraram, em quanto nós fumavamos; e muito tempo, n'uma

modulação guttural, disseram velhas cantigas dos tempos da dynastia

Ming, ao som de guitarras recobertas de pelles de serpente, que dous

tartaros agachados repenicavam, n'uma cadencia melancolica e barbara. A

China tem encantos d'um raro gosto...

Depois a loira generala cantou-nos, com chiste, a \_Femme à barbe\_: e

quando o general sahiu com a sua escolta cossaca para o Yamen do

principe Tong, a informar-se da residencia da familia Ti-Chin-Fú--eu,

repleto e bem disposto, sahi com Sá-Tó a vêr Pekin.

\* \* \* \* \*

A habitação de Camilloff ficava na cidade tartara, nos bairros militares

e nobres. Ha aqui uma tranquillidade austera. As ruas assemelham-se a

largos caminhos d'aldêa sulcados pelas rodas dos carros; e quasi sempre

se caminha ao comprido de um muro, d'onde sahem ramos horisontaes de

sycomoros.

Por vezes uma carreta passa rapidamente, ao trote de um poney mongol,

com altas rodas cravejadas de pregos dourados; tudo n'ella oscilla, o

toldo, as cortinas pendentes de sêda, os ramos de plumas aos angulos; e

dentro entrevê-se alguma linda dama chineza, coberta de brocados claros,

a cabeça toda cheia de flôres, fazendo girar nos pulsos dois aros de

prata, com um ar de tedio ceremonioso. Depois é alguma aristocratica

cadeirinha de Mandarim, que koulis vestidos d'azul, de rabicho solto,

vão levando a um trote arquejante para os Yamens do Estado; precede-os

uma criadagem maltrapilha que ergue ao alto rolos de seda com

inscripções bordadas, insignias d'authoridade; e dentro o personagem

bojudo, com enormes oculos redondos, folheia a sua papelada ou dormita

de beiço cahido...

A cada momento paravamos a olhar as lojas ricas, com as suas taboletas

verticaes de letras douradas sobre fundo escarlate: os freguezes, n'um

silencio d'igreja, subtis como sombras, vão examinando as

preciosidades--porcelanas da dynastia Ming, bronzes, esmaltes, marfins,

sêdas, armas marchetadas, os leques maravilhosos de Swaton: por vezes,

uma fresca rapariga d'olho obliquo, tunica azul, e papoilas de papel nas

tranças, desdobra algum raro brocado diante d'um grosso chinez que o

contempla beatamente, com os dedos cruzados na pança: ao fundo o

mercador apparatoso e immovel, escreve com um pincel sobre longas

taboinhas de sandalo: e um perfume adocicado que sahe das coisas

perturba e entristece...

Eis-aqui a muralha que cérca a Cidade interdictca, morada santa do

Imperador! Moços nobres vem descendo do terraço d'um templo onde se

estiveram adestrando á frecha. Sá-Tó disse-me os seus nomes: eram da

guarda selecta, que nas ceremonias escolta o guarda-sol de sêda

amarella, com o Dragão bordado, que é o emblema sagrado do Imperador.

Todos elles comprimentaram profundadamente um velho que ia passando, de

barbas venerandas, com o casabeque amarello que é o privilegio do

ancião; vinha fallando só, e trazia na mão uma vara sobre que pousavam

cotovias domesticadas... Era um principe do Imperio.

Estranhos bairros! Mas nada me divertia como vêr a cada instante, a uma

porta de jardim, dois Mandarins pançudos que para entrar se trocavam

indefinidamente salamalés, cortezias, recusas, risinhos agudos

d'etiqueta, todo um ceremonial dogmatico--que lhes fazia oscillar d'um

modo picaresco, sobre as costas, as longas pennas de pavão. Depois se

erguia os olhos para o ar, lá via sempre pairar enormes papagaios de

papel, ora em fórma de dragões, ora de cetaceos, ora d'aves

fabulosas--enchendo o espaço d'uma inverosimil legião de monstros

transparentes e ondeantes...

\* \* \* \* \*

--Sá-Tó, basta de cidade tartara! Vamos vêr os bairros chinezes...

E lá fomos penetrando na cidade chineza, pela porta monstruosa de

Tchin-Men. Aqui habita a burguezia, o mercador, a populaça. As ruas

alinham-se como uma pauta; e no sólo vetusto e lamacento, feito da

immundicie de gerações recalcada desde seculos, ainda aqui e além jaz

alguma das lages de marmore côr de rosa que outr'ora o calçavam, no

tempo da grandeza dos Ming.

Dos dois lados são--ora terrenos vagos onde uivam manadas de cães

famintos, ora filas de casebres fuscos, ora pobres lojas com as suas

taboletas esguias e sarapintadas, balouçando-se d'uma haste de ferro. A

distancia erguem-se os arcos triumphaes feitos de barrotes côr de

purpura, ligados no alto por um telhado oblongo de telhas azues

envernizadas, que rebrilham como esmaltes. Uma multidão rumorosa e

espessa, onde domina o tom pardo e azulado dos trajes, circula sem

cessar; a poeira envolve tudo d'uma nevoa amarellada; um fedor acre

exhala-se dos enxurros negros; e a cada momento uma longa caravana de

camêlos fende lentamente a turba, conduzida por mongoes sombrios

vestidos de pelle de carneiro...

Fomos até ás entradas das pontes sobre os canaes, onde saltimbancos

semi-nús, com mascaras simulando demonios pavorosos, fazem destrezas

d'um picaresco barbaro e subtil; e muito tempo estive a admirar os

astrologos de longas tunicas, com dragões de papel collados ás cóstas,

vendendo ruidosamente horoscopos e consultas d'astros. Oh cidade

fabulosa e singular!

De repente ergue-se uma gritaria! Corremos: era um bando de presos, que

um soldado, de grandes oculos, ia impellindo com o guarda-sol, amarrados

uns aos outros pelo rabicho! Foi ahi n'essa avenida, que eu vi o

estrepitoso cortejo de um funeral de Mandarim, todo ornado de

auriflammas e de bandeirolas; grupos de sujeitos funebres vinham

queimando papeis em fogareiros portateis; mulheres esfarrapadas uivavam

de dôr espojando-se sobre tapetes; depois erguiam-se, galhofavam, e um

kouli vestido de luto branco servia-lhes logo chá, d'um grande bule em

fórma d'ave.

Ao passar junto ao Templo do Céo, vejo apinhada n'um largo uma legiao de

mendigos; tinham por vestuario um tijolo preso á cinta n'um cordel; as

mulheres, com os cabellos entremeados de velhas flôres de papel, roiam

ossos tranquillamente; e cadaveres de crianças apodreciam ao lado, sob o

vôo dos moscardos. Adiante topamos com uma jaula de traves, onde um

condemnado estendia, através das grades, as mãos descarnadas, á

esmola... Depois Sá-Tó mostrou-me respeitosamente uma praça estreita:

ahi, sobre pilares de pedra, poupavam pequenas gaiolas contendo cabeças

de decapitados: e gotta a gotta ia pingando d'ellas um sangue espesso e

negro...

\* \* \* \* \*

--Ouf!--exclamei, fatigado e aturdido.--Sá-Tó, agora quero o repouso, o

silencio, e um charuto caro...

Elle curvou-se: e, por uma escadaria de granito, levou-me ás altas

muralhas da cidade, formando uma esplanada que quatro carros de guerra a

par podem percorrer durante leguas.

E emquanto Sá-Tó, sentado n'um vão d'ameia, bocejava n'um desafôgo de

\_cicerone\_ enfastiado, eu fumando contemplei muito tempo aos meus pés a

vasta Pekin...

É como uma formidavel cidade da Biblia, Babel, ou Ninive que o propheta

Jonas levou tres dias a atravessar. O grandioso muro quadrado limita os

quatro pontos do horisonte, com as suas portas de torres monumentaes,

que o ar azulado, áquella distancia, faz parecer transparentes. E na

immensidão do seu recinto agglomeram-se confusamente verduras de

bosques, lagos artificiaes, canaes scintillantes como aço, pontes de

marmore, terrenos alastrados de ruinas, telhados envernizados reluzindo

ao sol; por toda a parte são pagodes heraldicos, brancos terraços de

templos, arcos triumphaes, milhares de kiosques sahindo d'entre as

folhagens dos jardins; depois espaços que parecem um montão de

porcelanas, outros que se assemelham a monturos de lama; e sempre a

intervallos regulares o olhar encontra algum dos bastiões, d'um aspecto

heroico e fabuloso...

A multidão, junto a essas edificações grandiosas, é apenas como grãos

d'arêa negra que um vento brando vai trazendo e levando...

Aqui está o vasto palacio imperial, entre arvoredos mysteriosos, com os

seus telhados d'um amarello d'oiro vivo! Como eu desejaria penetrar-lhe

os segredos, e ver desenrolar-se, pelas galerias sobrepostas, a

magnificencia barbara d'essas Dynastias seculares!

Além ergue-se a torre do Templo do Céo semelhando três guarda-soes

sobrepostos: depois a grande columna dos Principios, hieratica e sêcca

como o Genio mesmo da Raça: e adiante branquejam n'uma meia tinta

sobrenatural os terraços de jaspe do Santuario da Purificação...

Então interrogo Sá-Tó: e o seu dedo respeitoso vai-me mostrando o Templo

dos Antepassados, o Palacio da Soberana Concordia, o Pavilhão das Flôres

das Letras, o Kiosque dos Historiadores, fazendo brilhar, entre os

bosques sagrados que os cercam, os seus telhados lustrosos de faianças

azues, verdes, escarlates e côr de limão. Eu devorava, d'olho avido,

esses monumentos da Antiguidade asiatica, n'uma curiosidade de conhecer

as impenetraveis classes que os habitam, o principio das Instituições, a

significação dos Cultos, o espirito das suas letras, a grammatica, o

dogma, a estranha vida interior d'um cerebro de letrado chinez... Mas

esse mundo é inviolavel como um Santuario...

Sentei-me na muralha, e os meus olhos perderam-se pela planicie arenosa

que se estira para além das portas até aos contrafortes dos montes

mongolicos; ahi incessantemente redemoinham ondas infindaveis de poeira;

a toda a hora negrejam filas vagarosas de caravanas... Então invadiu-me

a alma uma melancolia, que o silencio d'quellas alturas, envolvendo

Pekin, tornava d'um vago mais desolado: era como uma saudade de mim

mesmo, um longo pezar de me sentir alli isolado, absorvido n'aquelle

mundo duro e barbaro: lembrei-me, com os olhos humedecidos, da minha

aldêa do Minho, do seu adro assombreado de carvalheiras, a venda com um

ramo de louro á porta, o alpendre do ferrador, e os ribeiros tão frescos

quando verdejam os linhos...

Aquella era a época em que as pombas emigram de Pekin para o sul. Eu

via-as reunirem-se em bandos por cima de mim, partindo dos bosques dos

templos e dos pavilhões imperiaes; cada uma traz, para a livrar dos

milhafres, um leve tubo de bambu que o ar faz silvar; e aquellas nuvens

brancas passavam como impellidas d'uma aragem molle, deixando no

silencio um lento e melancolico suspiro, uma ondulação eolia, que se

perdia nos ares pallidos...

Voltei para casa, pesado e pensativo.

Ao jantar, Camilloff, desdobrando o seu guardanapo, pediu-me com

bonhomia as minhas impressões de Pekin.

--Pekin faz-me sentir bem, general, os versos d'um poeta nosso:

Sôbolos rios que vão

Por Babylonia me achei...

--Pekin é um monstro!--disse Camilloff oscillando reflectidamente a

calva.--E agora considere, que a esta capital, á classe tartara e

conquistadora que a possue, obedecem trezentos milhões d'homens, uma

raça subtil, laboriosa, soffredora, prolifica, invasora... Estudam as

nossas sciencias... Um calice de Medoc, Theodoro?... Teem uma marinha

formidavel! O exercito, que outr'ora julgava destroçar o estrangeiro com

dragões de papelão d'onde sahiam bichas de fogo, tem agora tactica

prussiana e espingarda d'agulha! Grave!

--E todavia, general, no meu paiz, quando, a proposito de Macau, se

falla do Imperio Celeste, os patriotas passam os dedos pela grenha, e

dizem negligentemente: \_Mandamos lá cincoenta homens, e varremos a

China\_...

A esta sandice--fez-se um silencio. E o general, depois de tossir

formidavelmente, murmurou, com condescendencia:

--Portugal é um bello paiz...

Eu exclamei com seccura e firmeza:

--É uma choldra, general.

A generala, collocando delicadamente á borda do prato uma aza de frango,

e limpando o dedinho, disse:

--É o paiz da canção de Mignon. É lá que floresce a laranjeira...

O gordo Meriskoff, doutor allemão pela Universidade de Bonn, chanceller

da legação, homem de poesia e de commentario, observou com respeito:

--Generala, o dôce paiz de Mignon é a Italia: \_Conheces tu a terra

privilegiada onde a laranjeira dá flor\_? O divino Goethe referia-se á

Italia, \_Italia mater\_... A Italia será o eterno amor da humanidade

sensivel!

--Eu prefiro a França!--suspirou a esposa do primeiro secretario, uma

bonecasinha sardenta, de cabello arruivascado.

--Ah! a França!...--murmurou um addido, revirando um bugalho d'olho

ternissimo.

O gordo Meriskoff ageitou os oculos d'oiro:

--A França tem um mal, que é a Questão social...

--Oh! a Questão social!--rosnou sombriamente Camilloff.

--Ah! a Questão social!...--considerou ponderosamente o addido.

E discreteando com tanta sapiencia, chegámos por fim ao café.

Ao descer ao jardim, a generala, apoiando-se sentimentalmente ao meu

braço, murmurou-me, junto á face:

--Ai, quem me dera viver n'esses paizes apaixonados, onde verdejam os

laranjaes!...

--É lá que se ama, generala--segredei-lhe eu, levando-a dôcemente para a

escuridão dos sycomoros...

V

Foi necessario todo um longo verão para descobrir a provincia onde

residira o defunto Ti-Chin-Fú!

Que episodio administrativo tão pittoresco, tão chinez! O serviçal

Camillof, que passava o dia inteiro a percorrer os Yamens do Estado,

teve de provar primeiro que o desejo de conhecer a morada d'um velho

Mandarim não encobria uma conspiração contra a segurança do Imperio; e

depois foi-lhe ainda preciso jurar que não havia n'esta curiosidade um

attentado contra os Ritos sagrados! Então, satisfeito, o principe Tong

permittiu que se fizesse o inquerito imperial: centenares d'escribas

empallideceram noite e dia, de pincel na mão, desenhando relatorios

sobre papel d'arroz; mysteriosas conferencias sussurraram

incessantemente por todas as repartições da Cidade Imperial, desde o

Tribunal astronomico até ao Palacio da Bondade Preferida; e uma

população de koulis transportava da legação russa para os kiosques da

Cidade Interdicta, e d'ahi para o Pateo dos Archivos padiolas estalando

ao peso de maços de documentos vetustos...

Quando Camilloff perguntava \_pelo resultado\_, vinha-lhe a resposta,

satisfactoria que se estavam consultando os Livros Santos de Lá-o-Tsé,

ou que se iam explorar velhos textos do tempo de Nor-ha-chú. E para

calmar a impaciencia bellica do russo, o principe Tong remettia, com

estes recados subtis, algum substancial presente de confeitos recheados,

ou de gomos de bambú em calda d'assucar...

\* \* \* \* \*

Ora em quanto o general trabalhava com fervor para encontrar a familia

Ti-Chin-Fú,--eu ia tecendo horas de sêda e oiro (assim diz um poeta

japonez) aos pés pequeninos da generala...

Havia um kiosque no jardim sob os sycomoros, que se denominava, á

maneira chineza, do \_Repouso discreto\_:--ao lado um arroio fresco ia

cantando dôcemente sob uma pontesinha rustica pintada de côr de rosa. As

paredes eram apenas um gradeado de bambú fino forrado de sêda côr de

ganga: o sol, passando através d'ellas, fazia uma luz sobrenatural de

opala desmaiada. Ao centro afofava-se um divan de sêda branca, d'uma

poesia de nuvem matutina, attrahente como um leito nupcial. Aos cantos,

em ricas jarras transparentes da época de Yeng, erguiam-se, na sua

gentileza aristocratica, lirios escarlates do Japão. Todo o soalho

estava recoberto d'esteiras finas de Nankin; e junto á janella

rendilhada, sobre um airoso pedestal de sandalo, pousava aberto ao alto

um leque formado de laminas de crystal separadas, que a aragem entrando

fazia vibrar, n'uma modulação melancolica e terna.

As manhãs do fim d'agosto em Pekin são muito suaves; já erra no ar um

enternecimento outonal. A essa hora o conselheiro Meriskoff, os

officiaes da legação, estavam sempre na chancellaria \_fazendo a mala\_

para S. Petersburgo.

Eu então, de leque na mão, pisando subtilmente na ponta das babouches de

setim as ruasinhas areadas do jardim, ia entreabrir a porta do \_Repouso

discreto\_:

--Mimi?

E a voz da generala respondia, suave como um beijo:

--\_All right\_...

Como ella era linda vestida de dama chineza! Nos seus cabellos

levantados alvejavam flôres de pecegueiro; e as sobrancelhas pareciam

mais puras e negras avivadas a tinta de Nankin. A camisinha de gaze,

bordada a soutache de filigrana d'oiro, collava-se aos seus seios

pequeninos e direitos: vastas, fôfas calças de foulard côr de \_côxa de

Nympha\_, que lhe davam uma graça de serralho, recahiam sobre o tornozêlo

fino, coberto de meia de seda amarella:--e apenas tres dedos da minha

mão cabiam na sua chinelinha...

Chamava-se Vladimira; nascera ao pé de Nidji-Novogorod; e fôra educada

por uma tia velha que admirava Rousseau, lia Faublas, usava o cabello

empoado, e parecia a grossa lithographia cossaca d'uma dama galante de

Versalhes...

O sonho de Vladimira era habitar Paris; e fazendo ferver delicadamente

as folhas de chá, pedia-me historias ladinas de \_Cocottes\_, e dizia-me o

seu culto por Dumas filho...

Eu arregaçava-lhe a larga manga do casabeque de sêda côr de folha morta,

e ia fazendo viajar os meus labios devotos pela pelle fresca dos seus

bellos braços;--e depois sobre o divan, enlaçados, peito contra peito,

n'um extasi mudo, sentiamos as laminas de crystal resoar eoliamente, as

pêgas azues esvoaçarem pelos platanos, o fugitivo rhythmo do arroio

corrente...

Os nossos olhos humedecidos encontravam ás vezes um quadro de setim

preto, por cima do divan, onde em caracteres chinezes se desenrolavam

sentenças do Livro Sagrado de Li-Num «sobre os deveres das esposas». Mas

nenhum de nós percebia o chinez... E no silencio os nossos beijos

recomeçavam, espaçados, soando dôcemente, e comparaveis (na lingua

florida d'aquelles paizes) a perolas que cahem uma a uma sobre uma bacia

de prata...--Oh suaves séstas dos jardins de Pekin, onde estaes vós?

Onde estaes, folhas mortas dos lirios escarlates do Japão?...

\* \* \* \* \*

Uma manhã Camilloff entrando na chancellaria, onde eu fumava o cachimbo

d'amizade de companhia com Meriskoff, atirou o seu enorme sabre para um

canapé, e contou-nos radiante as noticias que lhe dera o penetrante

principe Tong.--Descobrira-se emfim que um opulento Mandarim, de nome

Ti-Chin-Fú, vivera outr'ora nos confins da Mongolia, na villa de

Tien-Hó! Tinha morrido subitamente: e a sua larga descendencia residia

lá, em miseria, n'um casebre vil...

Esta descoberta, é certo, não fôra devida á sagacidade da burocracia

imperial--mas fizera-a um astrologo do templo de Faqua, que durante

vinte noites folheára no céo o luminoso archivo dos astros...

--Theodoro, ha-de ser o seu homem!--exclamou Camilloff.

E Meriskoff repetiu, sacudindo a cinza do cachimbo:

--Ha-de ser o seu homem, Theodoro!

--O meu homem...--murmurei sombriamente.

Era talvez o \_meu homem\_, sim! Mas não me seduzia ir procurar o \_meu

homem\_ ou a sua familia, na monotonia d'uma caravana, por essas

desoladas extremidades da China!... Depois, desde que chegára a Pekin,

eu não tornára a avistar a fórma odiosa de Ti-Chin-Fú e do seu papagaio.

A Consciencia era dentro em mim como uma pomba adormecida. Certamente, o

alto esforço de me ter arrancado ás doçuras do \_boulevard\_ e do Loreto,

de ter sulcado os mares até ao Império do Meio, parecera á Eterna

Equidade uma expiação sufficiente e uma peregrinação reparadora.

Certamente Ti-Chin-Fú, acalmado, recolhera-se com o seu papagaio á

sempiterna Immobilidade... Para que iria eu, pois, a Tien-Hó? Porque não

ficaria alli, n'aquelle amavel Pekin, comendo nenufares em calda

d'assucar, abandonando-me ás somnolencias amorosas do \_Repouso

discreto\_, e pelas tardes azuladas, dando o meu passeio pelo braço do

bom Meriskoff, nos terraços de jaspe da Purificação ou sob os cedros do

Templo do Céo?...

Mas já o zeloso Camilloff, de lapis na mão, ia marcando no mappa o meu

itinerário para Tien-Hó! E mostrando-me, n'um desagradavel

entrelaçamento, sombras de montes, linhas tortuosas de rios, esfumados

de lagôas:

--Aqui está! O meu hospede sobe até Ni-ku-hé, na margem do Pei-Hó...

D'ahi, em barcos chatos vai a My-yun. Boa cidade, ha lá um Buddha

vivo... D'ahi, a cavallo, segue até á fortaleza de Ché-hia. Passa a

grande muralha, famoso espectáculo!... Descança no forte de Ku-pi-hó.

Póde lá caçar a gazella. Soberbas gazellas... E com dois dias de

caminhada está em Tien-Hó... Brilhante, hein?... Quando quer partir?

Ámanhã?...

--Ámanhã--rosnei, tristonho.

Pobre generala! N'essa noite, em quanto Meriskoff, ao fundo da sala,

fazia com tres officiaes da embaixada o seu \_whist\_ sacramental; e

Camilloff, ao canto do sophá, de braços cruzados, solemne como n'uma

poltrona do Congresso de Vienna, dormia de bocca aberta;--ella sentou-se

ao piano. Eu ao lado, na attitude d'um Lara, devastado pela fatalidade,

retorcia lugubremente o bigode. E a dôce creatura, entre dois gemidos do

teclado, d'uma saudade penetrante, cantou revirando para mim os seus

olhos rebrilhantes e humidos:

L'oiseau s'envole,

Lá bas, lá bas!...

L'oiseau s'envole...

Ne revient pas...

--A ave ha-de voltar ao ninho,--murmurei eu enternecido.

E, afastando-me a esconder uma lagrima, ia resmungando furioso:

--Canalha de Ti-Chin-Fú! Por tua causa! Velho malandro! Velho garoto!...

\* \* \* \* \*

Ao outro dia lá vou para Tien-Hó--com o respeitoso interprete Sá-tó, uma

longa fila de carretas, dois cossacos, toda uma populaça de koulis.

Ao deixar a muralha da cidade tartara, seguimos muito tempo ao comprido

dos jardins sagrados que orlam o templo de Confucio.

Era no fim do outono; já as folhas tinham amarellecido; uma doçura

tocante errava no ar...

Dos kiosques santos sahia uma susurração de canticos, de nota monotona e

triste. Pelos terraços, enormes serpentes, veneradas como deuses, iam-se

arrastando, já entorpecidas da friagem. E aqui e além, ao passar,

avistavamos buddhistas decrepitos, sêccos como pergaminhos e nodosos

como raizes, encruzados no chão sob os sycomoros, n'uma immobilidade de

idolos, contemplando incessantemente o umbigo, á espera da perfeição do

Nirvana...

E eu ia pensando, com uma tristeza tão pallida como aquelle mesmo céo

d'outubro asiatico, nas duas lagrimas redondinhas que vira brilhar, á

despedida, nos olhos verdes da generala!...

VI

Já a tarde declinava, e o sol descia vermelho como um escudo de metal

candente, quando chegámos a Tien-Hó.

As muralhas negras da villa erguem-se, do lado do sul, ao pé d'uma

torrente que ruge entre rochas: para o nascente, a planicie livida e

poeirenta estende-se até a um grupo escuro de collinas onde branqueja um

vasto edificio--que é uma Missão Catholica. E para além, para o extremo

norte são as eternas montanhas rôxas da Mongolia, suspensas sempre no ar

como nuvens.

Alojámo-nos n'um barracão fetido, intitulado \_Estalagem da Consolação

terrestre\_. Foi-me reservado o quarto nobre, que abria sobre uma galeria

fixada em estacas; era ornado estranhamente de dragões de papel

recortado, suspensos por cordeis do travejamento do tecto; á menor

aragem aquella legião de monstros fabulosos oscillava em cadencia, com

um rumor secco de folhagem, como tomada de vida sobrenatural e grotesca.

Antes que escurecesse fui vêr com Sá-tó a villa: mas bem depressa fugi

ao fedor abominavel das viellas: tudo se me afigurou ser negro--os

casebres, o chão barrento, os enxurros, os cães famintos, a populaça

abjecta... Recolhi ao albergue--onde arreeiros mongoes e crianças

piolhosas me miravam com assombro.

--Toda esta gente me parece suspeita, Sá-tó--disse eu, franzindo a

testa.

---Tem Vossa Honra razão. É uma ralé! Mas não ha perigo: eu matei, antes

de partirmos, um gallo negro, e a deusa Kaonine deve estar contente.

Póde Vossa Honra dormir ao abrigo dos maus espiritos... Quer Vossa Honra

o chá?...

--Traze, Sá-tó.

Bebido o chá, conversámos do \_grande plano\_: na manhã seguinte eu a

levar a alegria á triste choupana da viuva de Ti-Chin-Fú,

annunciando-lhe os milhões que lhe dava, depositados já em Pekin:

depois, de accordo com o Mandarim governador, fariamos uma copiosa

distribuição de arroz pela populaça: e á noite illuminações, danças como

n'uma gala publica...

--Que te parece, Sá-tó?

--Nos labios de Vossa Honra habita a sabedoria de Confucio... Vai ser

grande! Vai ser grande!

Como vinha cançado, bem cêdo comecei a bocejar, e estirei-me sobre o

estrado de tijolo aquecido que serve de leito nas estalagens da China;

enrolado na minha pelliça, fiz o signal da cruz, e adormeci pensando nos

braços brancos da generala, nos seus olhos verdes de sereia...

Era talvez já meia noite quando despertei a um rumor lento e surdo que

envolvia o barracão--como de forte vento n'um arvoredo, ou uma maresia

grossa batendo um paredão. Pela galeria aberta, o luar entrava no

quarto, um luar triste d'outono asiatico, dando aos dragões suspensos do

tecto fórmas, semelhanças chimericas...

Ergui-me, já nervoso--quando um vulto, alto e inquieto, appareceu na

facha luminosa do luar...

--Sou eu, Vossa Honra!--murmurou a voz apavorada de Sá-tó.

E logo, agachando-se ao pé de mim, contou-me n'um fluxo de palavras

roucas a sua afflicção:--emquanto eu dormia, espalhára-se pela villa que

um estrangeiro, o \_Diabo estrangeiro\_, chegára com bagagens carregadas

de thesouros... Já desde o começo da noite elle tinha entrevisto faces

agudas, d'olho voraz, rondando o barracão, como chacaes impacientes... E

ordenára logo aos koulis que entrincheirassem a porta com os carros das

bagagens, formados em semi-circulo á velha maneira tartara... Mas pouco

a pouco a malta crescera... Agora vinha d'espreitar por um postigo: e

era em roda da estalagem toda a populaça de Tien-Hó, rosnando

sinistramente... A deusa Kaonine não se satisfizera com o sangue do

gallo preto!... Além d'isso elle vira á porta d'um Pagode uma cabra

negra recuar!... A noite sería de terrores!... E sua mulher, o osso do

seu osso, que estava tão longe, em Pekin!...

--E agora, Sá-tó?--perguntei eu.

--Agora... Vossa Honra! Agora...

Calou-se: e a sua magra figura tremia, acaçapada como um cão que se roja

sob o açoite.

Eu afastei o cobarde, e adiantei-me para a galeria. Em baixo, o muro

fronteiro, coberto d'um alpendre, projectava uma funda sombra. Ahi com

effeito estava uma turba negra apinhada. Ás vezes uma figura,

rastejando, adiantava-se no espaço alumiado, espreitava, farejava as

carretas, e sentindo a lua sobre a face, recuava vivamente, fundindo-se

na escuridão: e como o tecto do alpendre era baixo, faiscava um momento

á luz algum ferro de lança inclinada...

--Que querem vossês, canalha?--bradei eu em portuguez.

A esta voz estrangeira um grunhido sahiu da treva; immediatamente uma

pedra veio ao meu lado furar o papel encerado da gelosia; depois uma

flecha silvou, cravou-se por cima da minha cabeça, n'um barrote...

Desci rapidamente á cozinha da estalagem. Os meus koulis, acocorados

sobre os calcanhares, batiam o queixo n'um terror; e os dois cossacos

que me acompanhavam, impassiveis á lareira, cachimbavam, com o sabre nú

nos joelhos.

O velho estalajadeiro d'oculos, uma avó andrajosa que eu vira no pateo

deitando ao ar um papagaio de papel, os arreeiros mongoes, as crianças

piolhosas, esses tinham desapparecido; só ficára um velho, bebedo

d'opio, cahido a um canto como um fardo. Fóra ouvia-se já a multidão

vociferar.

Interpellei então Sá-tó, que quasi desmaiava, arrimado a uma viga: nós

estavamos sem armas; os dois cossacos, sós, não podiam repellir o

assalto: era necessario pois ir acordar o Mandarim governador,

revelar-lhe que eu era um amigo de Camilloff, um conviva do principe

Tong, intimal-o a que viesse dispersar a turba, manter a lei santa da

hospitalidade!...

Mas Sá-tó confessou-me, n'uma voz debil como um sôpro, que o Governador

de certo é quem estava dirigindo o assalto! Desde as authoridades até

aos mendigos, a fama da minha riqueza, a legenda das carretas carregadas

d'oiro inflammára todos os appetites!... A prudencia ordenava, como um

mandamento santo, que abandonassemos parte dos thesouros, mulas, caixas

de comestiveis...

--E ficar aqui, n'esta aldêa maldita, sem camisas, sem dinheiro e sem

mantimentos?...

--Mas com a rica vida, Vossa Honra!

Cedi. E ordenei a Sá-tó que fosse propôr á turba uma copiosa

distribuição de sapeques,--se ella consentisse em recolher aos seus

casebres, e respeitar em nós os hospedes enviados por Buddha...

Sá-tó subiu á sacada da galeria, a tremer; e rompeu logo a arengar á

malta, bracejando, atirando as palavras com a violencia d'um cão que

ladra. Eu abrira já uma maleta, e ia-lhe passando cartuchos, saccos de

sapeques--que elle arremessava aos punhados com um gesto de semeador...

Em baixo havia por momentos um tumulto furioso ao chover dos metaes;

depois um lento suspiro de gula satisfeita; e logo um silencio, n'uma

suspensão \_de quem espera mais\_...

--Mais!--murmurava Sá-tó, voltando-se para mim ancioso.

Eu, indignado, lá lhe dava outros cartuchos, mais rôlos, mólhos de

moedas de meio real enfiadas em cordeis... Já a maleta estava vazia. A

turba rugia, insaciada.

--Mais, Vossa Honra!--supplicou Sá-tó.

--Não tenho mais, creatura! O resto está em Pekin!

--Oh Buddha Santo! Perdidos! Perdidos!--chamou Sá-tó, abatendo-se sobre

os joelhos.

A populaça, calada, esperava ainda. De repente, uma ululação selvagem

rasgou o ar. E eu senti aquella massa avida arremessar-se sobre as

carretas que defendiam a porta em semi-circulo: ao choque todo o

madeiramento da \_Estalagem da Consolação terrestre\_ rangeu e oscillou...

Corri á varanda. Em baixo era um tropel desesperado em torno dos carros

derrubados: os machados reluziam cahindo sobre a tampa dos caixotes: o

coiro das malas abria-se fendido á faca por mãos innumeraveis: no

alpendre, os cossacos debatiam-se, aos urros, sob o cutelo. Apesar da

lua, eu via em roda do barracão errarem tochas, n'uma dispersão de

fagulhas: um alarido rouco elevava-se, fazendo ao longe uivar os cães; e

de todas as viellas desembocava, corria populaça, sombras ligeiras,

agitando chuços e foices recurvas...

Subitamente, na loja terrea, ouvi o tumulto da turba que a invadia pelas

portas despedaçadas: de certo me procuravam, suppondo que eu teria

commigo o melhor do thesouro, pedras preciosas ou oiros... O terror

desvairou-me. Corri a uma grade de bambús para o lado do pateo.

Demoli-a, saltei sobre uma camada de matto grosso, n'um cheiro acre de

immundicies. O meu poney, preso a uma trave, relinchava, puxando

furiosamente o cabresto: arremessei-me sobre elle, empolguei-lhe as

crinas...

N'esse momento, do portão da cozinha arrombada rompia uma horda com

lanternas, lanças, n'um clamor de delirio. O poney, espantado, salta um

regueiro; uma flecha silva a meu lado; depois um tijolo bate-me no

hombro, outro nos rins, outro na anca do poney, outro mais grosso

rasga-me a orelha! Agarrado desesperadamente ás crinas, archejando, com

a lingua de fóra, o sangue a gottejar da orelha, vou despedido n'uma

desfilada furiosa ao longo d'uma lua negra... De repente vejo diante de

mim a muralha, um bastião, a porta da villa fechada!

Então, allucinado, sentindo atraz rugir a turba, abandonado de todo o

soccorro humano--\_precisei de Deus\_! Acreditei n'elle, gritei-lhe que me

salvasse; e o meu espirito ia tumultuosamente arrebatando, para lhe

offerecer, fragmentos de orações, de \_Salvè-Rainhas\_, que ainda me

jaziam no fundo da memoria... Voltei-me sobre a anca do potro: d'uma

esquina ao longe surgiu um fogacho de tochas: era a corja!... Larguei de

golpe ao comprido da alta muralha que corria ao meu lado como uma vasta

fita negra furiosamente desenrolada: de subito avisto uma brecha, um

boqueirão erriçado d'esgalhos de sarças, e fóra a planicie que sob a lua

parecia como uma vasta agua dormente! Lancei-me para lá,

desesperadamente, sacudido aos galões do potro... E muito tempo galopei

no descampado.

De repente o poney, eu, rolámos com um baque surdo. Era uma lagôa.

Entrou-me pela bocca agua putrida, e os pés enlaçaram-se-me nas raizes

molles dos nenufares... Quando me ergui, me firmei no sólo,--vi o poney,

correndo, muito longe, como uma sombra, com os estribos ao vento...

Então comecei a caminhar por aquella solidão, enterrando-me nas terras

lodosas, cortando através do matto espinhoso. O sangue da orelha ia-me

pingando sobre o hombro: á frialdade agreste, o fato encharcado

regelava-se-me sobre a pelle: e por vezes, na sombra, parecia-me vêr

luzir olhos de feras.

Emfim, encontrei um recinto de pedras soltas onde jazia, sob um arbusto

negro, um d'aquelles montões d'esquifes amarellos que os chinezes

abandonam nos campos, e onde apodrecem corpos. Abati-me sobre um caixão,

prostrado: mas um cheiro abominavel pesava no ar: e ao apoiar-me sentia

o viscoso d'um liquido que escorria pelas fendas das tábuas... Quiz

fugir. Mas os joelhos negavam-se, tremiam-me: e arvores, rochas, hervas

altas, todo o horisonte começou a girar em torno de mim como um disco

muito rapido. Faiscas sanguineas vibravam-me diante dos olhos: e

senti-me como cahindo de muito alto, devagar, á maneira d'uma penna que

desce...

Quando recuperei a consciencia estava estirado n'um banco de pedra, no

pateo d'um vasto edificio semelhante a um convento, que um alto silencio

envolvia. Dois padres lazaristas lavavam-me devagar a orelha. Um ar

fresco circulava; a roldana d'um poço rangia lentamente; um sino tocava

a matinas. Ergui os olhos, avistei uma fachada branca com janellinhas

gradeadas e uma cruz no topo: então, vendo n'aquella paz de claustro

catholico como um recanto da patria recuperada, o abrigo e a consolação,

rolaram-me das palpebras duas lagrimas mudas.

VII

De madrugada, dois padres lazaristas, dirigindo-se a Tien-Hó, tinham-me

encontrado desmaiado no caminho. E, como disse o alegre padre Loriot,

«era já tempo»; porque em redor do meu corpo immovel um negro

semi-circulo d'esses grossos e soturnos corvos da Tartaria já me estava

contemplando com gula...

Trouxeram-me sem demora para o convento n'uma padiola,--e grande foi o

regosijo da communidade quando soube que eu era um latino, um christão e

um subdito dos Reis Fidelissimos. O convento fórma alli o centro d'um

pequeno burgo catholico, apinhado em torno da maciça residencia como uma

casaria de servos á base d'um castello feudal. Existe desde os primeiros

missionarios que percorreram a Manchouria. Porque nós estamos aqui nos

confins da China: para além já é a Mongolia, a Terra das Hervas, immenso

prado verde-escuro, leziria sem fim, colorida aqui e além do vivo das

flôres silvestres...

Ahi jaz a vasta planicie dos Nomadas. Da minha janella eu via negrejar

os circulos de tendas cobertas de feltro, ou de pelles de carneiro; e

por vezes assistia á partida d'uma tribu, em filas de longas caravanas,

levando os seus rebanhos para o oeste...

O superior lazarista era o excellente padre Giulio. A longa permanencia

entre as raças amarellas tornára-o quasi um chinez: quando eu o

encontrava no claustro com a sua tunica rôxa, o rabicho longo, a barba

veneravel, agitando devagar um enorme leque--parecia-me algum sábio

letrado mandarim commentando mentalmente, na paz de um templo, o Livro

sacro de Chú. Era um santo: mas o cheiro d'alho que exhalava--afastaria

as almas mais doloridas e precisadas de consolação.

Conservo suave a memoria dos dias alli passados! O meu quarto, caiado de

branco, com uma cruz negra, tinha um recolhimento de cella. Acordava

sempre ao toque de matinas. Em respeito aos velhos missionarios, vinha

ouvir a missa á capella: e enternecia-me, alli, tão longe da patria

catholica, n'aquellas terras mongolicas, vêr á clara luz da manhã a

casula do padre, com a sua cruz bordada, curvando-se diante do altar, e

sentir ciciar no fresco silencio--os \_Dominus vobiscum\_, e os \_Cum

spiritu tuo\_...

De tarde ia á escóla, admirar os pequenos chinezes declinando \_Hora,

Horoe\_... E depois do refeitorio, passeando no claustro, escutava

historias de longiquas missões, de viagens apostolicas ao \_Paiz das

Hervagens\_, as prisões supportadas, as marchas, os perigos, as Chronicas

heroicas da Fé...

Eu por mim não contei no convento as minhas aventuras phantasticas:

dei-me como um \_touriste\_ curioso, tomando apontamentos pelo Universo. E

esperando que a minha orelha cicatrizasse, abandonava-me, n'uma lassidão

d'alma, áquella paz de mosteiro...

Mas estava decidido a deixar bem depressa a China, esse Imperio barbaro,

que eu odiava agora, prodigiosamente!

Quando me punha a pensar que viera desde os confins do Occidente, para

trazer a uma provincia chineza a abundancia dos meus milhões, e que

apenas lá chegára fôra logo saqueado, apedrejado, fréchado--enchia-me um

rancor surdo, gastava horas agitando-me pelo quarto, a revolver coisas

feras que tentaria para me vingar do Imperio do Meio!

Retirar-me com os meus milhões era a desforra mais pratica, mais facil!

Demais, a minha idéa de resuscitar artificialmente, para bem da China, a

personalidade de Ti-Chin-Fú, parecia-me agora absurda, d'uma insensatez

de sonho. Eu não comprehendia a lingua, nem os costumes, nem os ritos,

nem as leis, nem os sabios d'aquella raça: que vinha pois fazer alli,

senão expôr-me, pelo apparato da minha riqueza, aos assaltos d'um povo,

que, ha quarenta e quatro seculos, é pirata nos mares e traz as terras

varridas de rapina!...

Além d'isso, Ti-Chin-Fú e o seu papagaio continuavam invisiveis,

remontados de certo ao Céo chinez dos Avós: e já o aplacamento do

remorso visivel diminuira em mim singularmente o desejo da expiação...

Sem duvida o velho letrado estava fatigado de deixar essas regiões

ineffaveis para se vir estirar pelos meus moveis. Vira os meus esforços,

o meu desejo de ser util á sua prole, á sua provincia, á sua raça--e,

satisfeito, accommodára-se regaladamente para a sua sésta eterna. Eu

nunca mais avistaria a sua pança amarella!...

E então mordia-me o appetite de me achar já tranquillo e livre, no

pacifico gozo do meu oiro, ao Loreto ou no \_boulevard\_, sorvendo o mel

ás flôres da Civilisação...

Mas a viuva de Ti-Chin-Fú, as mimosas senhoras da sua descendencia, os

netos pequeninos?... Iria eu deixal-os barbaramente, na fome e no frio,

pelas viellas negras de Tien-Hó? Não. Esses não eram culpados das

pedradas que me atirára a populaça. E eu christão, asylado n'um convento

christão, tendo á cabeceira da cama o Evangelho, cercado d'existencias

que eram incarnações de Caridade--não podia partir do Imperio sem

restituir áquelles que despojára, a abundancia, esse conforto honesto

que recommenda o Classico da Piedade Filial...

Então escrevi a Camilloff. Contava-lhe a minha abjecta fuga, sob as

pedras da turba chineza; o abrigo christão que me dera a Missão; o vivaz

desejo de partir do Imperio do Meio. Pedia-lhe que remettesse elle á

viuva de Ti-Chin-Fú os milhões depositados por mim em casa do mercador

Tsing-Fó, na avenida de Cha-Coua, ao lado do arco triumphal de Tong,

junto ao templo da deusa Kaonine.

O alegre padre Loriot, que ia a Pekin em missão, levou esta carta, que

eu lacrára com o sêllo do convento--uma cruz sahindo d'um coração em

chammas...

Os dias passaram. As primeiras neves alvejaram nas montanhas

septentrionaes da Manchouria: e eu occupava-me a caçar a gazella pela

Terra das Hervas... Horas energicas e fortemente vívidas, as d'essas

manhãs, quando eu largava á desfilada, no grande ar agreste da planicie,

entre os monteadores mongolicos que, com um grito ululado e vibrante,

batiam o matagal á lançada! Por vezes, uma gazella saltava: e, d'orelha

baixa, estirada e fina, partia no fio do vento... Soltavamos o falcão

que voava sobre ella, d'aza serena, dando-lhe a espaços regulares, com

toda a força do bico recurvo, uma picada viva no craneo. E iamo'l-a

abater, por fim, á beira d'alguma agua morta, coberta de nenufares...

Então os cães negros da Tartaria amontoavam-se-lhe sobre o ventre, e,

com as patas no sangue, iam-lhe a ponta de dente, desfiando devagar as

entranhas...

Uma manhã o leigo da portaria avistou emfim o alegre padre Loriot,

galgando á lufa-lufa pelo caminho ingreme do burgo, de volta de Pekin,

com a sua mochila ao hombro, e uma criancinha nos braços: tinha-a

encontrado abandonada, nuasinha, morrendo á beira d'um caminho:

baptisára-a logo n'um regato com o nome de \_Bem-Achado\_: e alli a

trazia, todo enternecido, arquejando de tanto que estugára o passo, para

dar depressa á creaturinha esfomeada o bom leite da cabra do convento...

Depois d'abraçar os religiosos, d'enxugar as grossas bagas de suor,

tirou da algibeira dos calções um enveloppe com o sello da aguia russa:

--É isto que manda o papá Camilloff, amigo Theodoro. Ficou optimo. E a

senhora tambem... Tudo rijo.

Corri a um recanto do claustro a lêr as duas folhas de prosa. Meu bom

Camilloff, de calva severa e olho de mocho! Como elle alliava tão

originalmente ao senso fino d'um habil de Chancellaria as caturrices

picarescas de diplomata bufo! A carta dizia assim:

«Amigo, hospede, e carissimo Theodoro,

«Ás primeiras linhas da sua carta ficámos consternados! Mas logo as

seguintes nos deram um grato allivio, por nos certificar que estava

com esses santos padres da Missão christã... Eu parti para o Yamen

imperial a fazer uma severa reclamação ao principe Tong, sobre o

escandalo de Tien-Hó. Sua excellencia mostrou um jubilo

desordenado! Porque, se lamenta como particular a offensa, o roubo

e as pedradas que o meu hospede soffreu, como ministro do Imperio

vê ahi a dôce opportunidade d'extorquir á villa de Tien-Hó, em

multa, em castigo da injuria feita a um estrangeiro, a vantajosa

somma de \_trezentos mil francos\_, ou, segundo os calculos do nosso

sagaz Meriskoff, \_cincoenta e quatro contos de reis\_ na moeda do

seu bello paiz! É, como disse Meriskoff, um excellente resultado

para o Erario imperial, e fica assim a sua orelha copiosamente

vingada... Aqui, começam a picar os primeiros frios, e já estamos

usando pelles. O bom Meriskoff lá vai soffrendo do figado, mas a

dôr não lhe altera o criterio philosophico nem a sábia

verbosidade... Tivemos um grande desgosto: o lindo cãosinho da boa

Madame Tagarieff, a esposa do nosso amado secretario, o adoravel

\_Tu-tu\_ desappareceu na manhã de 15... Fiz, na policia, instancias

urgentes, mas o \_Tu-tu\_ não nos foi restituido,--e o sentimento é

tanto maior, quanto é sabido que a populaça de Pekin aprecia

extremamente estes cãesinhos, guisados em calda de assucar...

Deu-se aqui um facto abominavel e de consequencias funestas: a

ministra de França, essa petulante Madame Grijon, esse \_galho

sêcco\_ (como diz o nosso Meriskoff), no ultimo jantar da legação,

deu, em desprezo de todas as regras internacionaes, o braço, o seu

descarnado braço, e a sua direita á mesa a um simples addido

inglez, lord Gordon! Que me diz a isto? É crivel? É racional? É

destruir a ordem social! O braço, a direita, a um addido, um

escossez côr de tijolo, de vidro entalado no olho, quando havia

presentes todos os embaixadores, os ministros, e eu! Isto tem

causado, no corpo diplomatico, uma sensação inenarravel...

Esperamos instrucções dos nossos governos. Como diz Meriskoff,

oscillando tristemente a cabeça--\_é grave... é muito grave\_!--O que

prova (e ninguem o duvidava) que lord Gordon é o Benjamim do \_galho

sêcco\_. Que podridão! Que lodo!... A generala não tem passado bem,

desde a sua partida para essa malfadada Tien-Hó; o doutor Pagloff

não lhe percebe o mal; é uma languidez, um murchar, uma saudosa

indolencia que a conserva horas e horas immovel sobre o sophá, no

\_Pavilhão do Repouso discreto\_, com o olhar vago e o labio cheio de

suspiros... Eu não me illudo: sei perfeitamente o que a mina: é a

desgraçada doença de bexiga, que lhe veio das más aguas, quando

estivemos na legação de Madrid... Seja feita a vontade do

Senhor!... Ella pede-me para lhe mandar \_un petit bonjour\_, e

deseja que o meu hospede apenas chegue a Paris, se fôr a Paris, lhe

remetta pela mala da Embaixada para S. Petersburgo (d'ahi virá a

Pekin) duas duzias de luvas de doze botões, numero \_cinco e tres

quartos\_, da marca \_Sol\_, dos armazens do Louvre; assim como os

ultimos romances de Zola, Mademoiselle de Maupin de Gautier, e uma

caixa de frascos de \_Opoponax\_... Esquecia-me dizer-lhe que mudámos

de padeiro: fornecemo-nos agora na padaria da Embaixada ingleza:

deixámos a da Embaixada franceza para não ter communicações com o

\_galho sêcco\_... Ahi estão os inconvenientes de não termos aqui na

Embaixada russa uma padaria--apesar de tantos relatorios, tantas

reclamações que, sobre esse ponto, tenho feito para a chancellaria

de S. Petersburgo! Elles sabem bem que em Pekin não ha padarias,

que cada legação tem a sua propria, como um elemento d'installação

e d'influencia. Mas quê! Na côrte imperial desattendem-se os mais

serios interesses da civilisação russa!... Creio que é tudo o que

ha de novo em Pekin e nas legações. Meriskoff recommenda-se, e

todos d'esta Embaixada; e tambem o condesinho Arthur, o Zizi da

legação hespanhola, o \_Focinho cahido\_, e o Lulú; emfim todos; eu

mais que ninguem, que me assigno com saudade e affeição

«\_General Camilloff\_».

«P.S. Em quanto á viuva e familia de Ti-Chin-Fú, houve um engano: o

astrologo do templo de Faqua equivocou-se na interpretação sideral:

não é realmente em Tien-Hó que reside essa familia... É ao sul da

China, na provincia de Cantão. Mas também ha uma familia Ti-Chin-Fú

para além da Grande Muralha, quasi na fronteira russa, no districto

de Ka-ó-li. A ambas morreu o chefe, a ambas assaltou a pobreza...

Portanto, esperando novas ordens, não levantei os dinheiros da casa

de Tsing-Fó. Esta recente informação mandou-m'a hoje sua

excellencia o principe Tong, com uma deliciosa compota de

calombro... Devo annunciar-lhe que o nosso bom Sá-Tó aqui

appareceu, de volta de Tien-Hó, com um beiço rachado e leves

contusões no hombro, tendo apenas salvado da bagagem saqueada uma

lithographia de Nossa Senhora das Dôres, que, pela inscripção a

tinta, vejo que pertencera a sua respeitavel mamã... Os meus

valentes cossacos, esses, lá ficaram n'uma poça de sangue. Sua

excellencia o principe Tong condescende em m'os pagar a dez mil

francos cada um, das sommas extorquidas á villa de Tien-Hó... Sá-Tó

diz-me que se o meu hospede, como é natural, recomeçar as suas

viagens através do imperio em busca dos Ti-Chin-Fú,--elle

considerar-se-hia honrado e venturoso em o acompanhar, com uma

fidelidade canina e uma docilidade cossaca...

«\_Camilloff\_».

--Não! nunca!--rugi com furor, amarrotando a carta, monologando a largas

passadas pelo melancolico claustro.--Não, por Deus ou pelo Demonio! Ir

de novo bater as estradas da China? Jámais! Oh sorte grotesca e

desastrosa! Deixo os meus regalos ao Loreto, o meu ninho amoroso de

Paris, venho rolado pela vaga enjoadôra de Marselha a Chang-Hai, soffro

as pulgas das bateiras chinezas, o fedor das viellas, a poeirada dos

caminhos aridos--e para quê? Tinha um plano, que se erguia até aos céos,

grandioso e ornamentado como um trophéo: por sobre elle scintillavam,

d'alto a baixo, toda a sorte d'acções boas: e eis que o vejo tombar ao

chão, peça a peça, n'uma ruina! Queria dar o meu nome, os meus milhões,

e metade do meu leito d'oiro a uma senhora Ti-Chin-Fú--e não m'o

permittem os prejuizos sociaes d'uma raça barbara! Pretendo, com o botão

de crystal de Mandarim, remodelar os destinos da China, trazer-lhe a

prosperidade civil,--e veda-m'o a lei imperial! Aspiro a derramar uma

esmola sem fim por esta populaça faminta--e corro o perigo ingrato de

ser decapitado como instigador de rebelliões! Venho enriquecer uma

villa--e a turba tumultuosa apedreja-me! Ia emfim dar a abundancia, o

conforto que louva Confucio, á família Ti-Chin-Fú,--e essa familia

some-se, evapora-se como um fumo, e outras familias Ti-Chin-Fú surgem,

aqui e além, vagamente, ao sul, a oeste, como clarões enganadores... E

havia d'ir a Cantão, a Ka-ó-li, expôr a outra orelha a tijolos brutaes,

fugir ainda pelos descampados, agarrado ás crinas d'um potro? Jámais!

Parei: e de braços erguidos, fallando ás arcadas do claustro, ás

arvores, ao ar silencioso e fino que me envolvia:

--Ti-Chin-Fú!--bradei--Ti-Chin-Fú, para te aplacar, fiz o que era

racional, generoso e logico! Estás emfim satisfeito, letrado veneravel,

tu, o teu gentil papagaio, a tua pança official? Falla-me! Falla-me!...

Escutei, olhei: a roldana do poço, áquella hora do meio dia, rangia

devagar, no pateo: sob as amoreiras, ao longo da arcaria do claustro,

seccavam em papel sêda as folhas de chá da colheita d'outubro: da porta

meio cerrada da aula vinha um susurro lento de declinações latinas: era

uma paz severa, feita da simplicidade das occupações, da honestidade dos

estudos, do ar pastoril d'aquella collina, onde dormia, sob um sol

branco d'inverno, o burgo religioso... E com aquella serenidade

ambiente, pareceu-me receber na alma, de repente, uma pacificação

absoluta!

Accendi com os dedos ainda tremulos um charuto, e disse, limpando na

testa uma baga de suor, esta palavra, resumo d'um destino:

--Bem, Ti-Chin-Fú está contente. Fui logo á cella do excellente padre

Giulio. Elle lia o seu Breviario á janella, debicando confeitos

d'assucar, com o gato do convento no collo.

--Reverendissimo, volto á Europa... Algum dos nossos bons padres vai por

acaso em missão, para os lados de Chang-Hai?...

O veneravel superior pôz os seus oculos redondos: e folheando com uncção

um vasto registro em letra chineza, ia assim murmurando:

--Quinto dia da decima lua... Sim, ha o padre Anacleto para Tien-Tzin,

para a novena dos Irmãos da Santa Creche. Duodecima lua, o padre Sanchez

para Tien-Tzin tambem, para a obra do Catecismo aos Orphãos... Sim, caro

hospede, tem companheiros para Léste...

--Ámanhã?

--Ámanhã. É dolorosa a separação n'estes confins do mundo, quando as

almas se comprehendem bem em Jesus... O nosso padre Gutierrez que lhe

faça um bom farnel... Nós já o amavamos como irmão, Theodoro... Coma um

confeito, são deliciosos... As coisas estão em feliz repouso quando se

acham no seu lugar e elemento natural: o lugar do coração do homem é o

coração de Deus: e o seu está n'esse asylo seguro... Coma um confeito...

Que é isso, meu filho, que é isso?

Eu estava collocando sobre o seu Breviario aberto, n'uma pagina do

Evangelho de pobreza, um rôlo de notas do \_Banco d'Inglaterra;\_ e

balbuciei:

--Meu reverendissimo, para os seus pobres...

--Excellente, excellente... O nosso bom Gutierrez que lhe faça um farnel

copioso... \_Amen\_, meu filho ... \_In Deo omnia spes\_!...

Ao outro dia, entre o padre Anacleto e o padre Sanchez, montado na mula

branca do convento, desci o burgo, ao repique dos sinos. E ahi vamos

para Hiang-Hiam, villa negra e murada, onde atracam os barcos que descem

a Tien-Tzin. Já as terras ao longo do Pei-Hó estavam todas brancas de

neve: nas enseadas baixas já a agua ia gelando: e embrulhados em pelles

de carneiro, em roda do fogareiro, á pôpa do barco, os bons padres e eu

iamos conversando de trabalhos de Missionarios, de coisas da China, por

vezes dos interesses do Céo--passando em redor sem cessar o grosso

frasco da genebra...

Era Tien-Tzin separei-me d'aquelles santos camaradas. E d'ahi a duas

semanas, por um meio dia de sol tepido, passeava, fumando o meu charuto

e olhando a azafama dos caes d'Hong-Kong, no tombadilho do \_Java\_ que ia

levantar ferro para a Europa.

\* \* \* \* \*

Foi um momento commovente para mim, aquelle em que vi, ás primeiras

voltas do helice, afastar-se a terra da China.

Desde que acordára, n'essa manhã, uma inquietação surda recomeçava a

pesar-me na alma. Agora, punha-me a pensar que viera áquelle vasto

imperio para acalmar pela expiação um protesto temeroso da Consciencia:

e por fim, impellido por uma impaciencia nervosa, ahi partia, sem ter

feito mais que deshonrar os bigodes brancos d'um general heroico, e ter

recebido pedradas pela orelha n'uma villa dos confins da Mongolia.

Estranho destino, o meu!...

\* \* \* \* \*

Até ao anoitecer estive encostado sombriamente á borda do paquete, vendo

o mar liso, como uma vasta peça de sêda azul, dobrar-se aos lados em

duas pregas molles: pouco a pouco grandes estrellas palpitaram na

concavidade negra; e o helice na sombra ia trabalhando em rhythmo.

Então, tomado d'uma fadiga molle, fui errando pelo paquete, olhando,

aqui e além, a bussola alumiada; os montões de cabrestantes; as peças da

machina, n'uma claridade ardente, batendo em cadencia; as fagulhas que

fugiam do cano, n'um rôlo de fumaraça negra; os marinheiros de barba

ruiva, immoveis á roda do leme; e as fórmas dos pilotos, sobre o pontal,

altas e vagas na noite. Na \_cabine\_ do capitão, um inglez de capacete de

cortiça, cercado de damas que bebiam Cognac, ia tocando melancolicamente

na flauta a aria de \_Bonnie Dundee\_...

Eram onze horas quando desci ao meu beliche. As luzes já estavam

apagadas: mas a lua que se erguia ao nivel da agua, redonda e branca,

batia o vidro da \_cabine\_ com um raio de claridade: e então, a essa meia

tinta pallida, lá vi estirada sobre a maca a figura pançuda, vestida de

sêda amarella, com o seu papagaio nos braços!

Era \_elle\_, outra vez!

E foi \_elle\_, perpetuamente! Foi elle em Singapura e em Ceylão. Foi elle

erguendo-se dos areaes do deserto ao passarmos no canal de Suez;

adiantando-se á prôa d'um barco de provisões quando parámos em Malta;

resvalando sobre as rosadas montanhas da Sicilia; emergindo dos

nevoeiros que cercam o morro de Gibraltar! Quando desembarquei em

Lisboa, no caes das Columnas, a sua figura bojuda enchia todo o arco da

rua Augusta; o seu olho obliquo fixava-me--e os dois olhos pintados do

seu papagaio pareciam fixar-me tambem...

VIII

Então, certo que não poderia jámais aplacar Ti-Chin-Fú, toda essa noite

no meu quarto ao Loreto, onde como outr'ora as velas innumeraveis das

serpentinas davam aos damascos tons de sangue fresco, meditei sacudir de

mim, como um adorno de peccado, esses milhões sobrenaturaes. E assim me

libertaria talvez d'aquella pança e d'aquelle papagaio abominavel!

Abandonei o palacete ao Loreto, a existencia de Nababo. Fui, com uma

quinzena coçada, realugar o meu quarto na casa da Madame Marques: e

voltei á Repartição, d'espinhaço curvo, a implorar os meus vinte mil

reis mensaes, e a minha dôce penna de amanuense!...

Mas um soffrimento maior veio amargurar os meus dias. Julgando-me

arruinado,--todos aquelles, que a minha opulencia humilhára, cobriram-me

de offensas, como se alastra de lixo uma estatua derrubada de principe

decahido. Os jornaes, n'um triumpho de ironia, achincalharam a minha

miseria. A aristocracia, que balbuciára adulações aos pés do Nababo,

ordenava agora aos seus cocheiros que atropellassem nas ruas o corpo

encolhido do plumitivo de Secretaría. O clero, que eu enriquecera,

accusava-me de \_feiticeiro\_; o povo atirou-me pedras; e a Madame

Marques, quando eu me queixava humildemente da dureza granitica dos

bifes,--plantava as duas mãos á cinta, e gritava:

--Ora o enguiço! Então que quer vossê mais? Aguente! Olha o pelintra!...

E, apesar d'esta expiação, o velho Ti-Chin-Fú lá estava sempre á minha

ilharga, obeso e côr d'óca,--porque os seus milhões, que jaziam agora

estereis e intactos nos Bancos, ainda de facto eram meus!

Desgraçadamente meus!

Então, indignado, um dia subitamente reentrei com estrondo no meu

palacete e no meu luxo. N'essa noite, de novo o resplendor das minhas

janellas alumiou o Loreto: e pelo portão aberto viram-se como outr'ora

negrejar, nas suas fardas de sêda negra, as longas filas de lacaios

decorativos.

Logo, Lisboa, sem hesitar, se rojou aos meus pés. A Madame Marques

chamou-me, chorando, \_filho do seu coração\_. Os jornaes deram-me os

qualificativos que, de antiga tradição, pertencem á Divindade: fui o

\_Omnipotente\_, fui o \_Omnisciente\_! A aristocracia beijou-me os dedos

como a um Tyranno: e o clero incensou-me como a um idolo. E o meu

desprezo pela Humanidade foi tão largo,--que se estendeu ao Deus que a

creou.

Desde então uma saciedade enervante mantem-me semanas inteiras n'um

sophá, mudo e soturno, pensando na felicidade do \_não-ser\_...

Uma noite, recolhendo só por uma rua deserta, vi diante de mim o

Personagem vestido de preto com o guarda-chuva debaixo do braço, o mesmo

que no meu quarto feliz da travessa da Conceição me fizera, a um

\_ti-li-tin\_ de campainha, herdar tantos milhões detestaveis. Corri para

elle, agarrei-me ás abas da sua sobrecasaca burgueza, bradei:

--Livra-me das minhas riquezas! Resuscita o Mandarim! Restitue-me a paz

da miseria!

Elle passou gravemente o seu guarda-chuva para debaixo do outro braço, e

respondeu com bondade:

--Não póde ser, meu prezado senhor, não póde ser...

Eu atirei-me aos seus pés n'uma supplicação abjecta: mas só vi diante de

mim, sob uma luz mortiça de gaz, a fórma magra de um cão farejando o

lixo.

Nunca mais encontrei este individuo.--E agora o mundo parece-me um

immenso montão de ruinas onde a minha alma solitaria, como um exilado

que erra por entre columnas tombadas, geme, sem descontinuar...

As flôres dos meus aposentos murcham e ninguem as renova: toda a luz me

parece uma tocha: e quando as minhas amantes véem, na brancura dos seus

penteadores, encostar-se ao meu leito, eu chóro--como se avistasse a

legião amortalhada das minhas alegrias defuntas...

\* \* \* \* \*

Sinto-me morrer. Tenho o meu testamento feito. N'elle lego os meus

milhões ao Demonio; pertencem-lhe; elle que os reclame e que os

reparta...

E a vós, homens, lego-vos apenas, sem commentarios, estas palavras: «\_Só

sabe bem o pão que dia a dia ganham as nossas mãos: nunca mates o

Mandarim\_!»

E todavia, ao expirar, consola-me prodigiosamente esta idéa: que do

Norte ao Sul e do Oeste a Léste, desde a Grande Muralha da Tartaria até

ás ondas do Mar Amarello, em todo o vasto Imperio da China, nenhum

Mandarim ficaria vivo, se tu, tão facilmente como eu, o pudesses

supprimir e herdar-lhe os milhões, oh leitor, creatura improvisada por

Deus, obra má de má argilla, meu semelhante e meu irmão!

Angers, junho, 1880.

PORTO--TYP. DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA

62, Cancella Velha, 62

End of the Project Gutenberg EBook of O Mandarim, by Eça Queirós

\*\*\* END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK O MANDARIM \*\*\*

\*\*\*\*\* This file should be named 16384-8.txt or 16384-8.zip \*\*\*\*\*

This and all associated files of various formats will be found in:

http://www.gutenberg.org/1/6/3/8/16384/

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed

Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This file was

produced from images generously made available by National

Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

Updated editions will replace the previous one--the old editions

will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no

one owns a United States copyright in these works, so the Foundation

(and you!) can copy and distribute it in the United States without

permission and without paying copyright royalties. Special rules,

set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to

copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to

protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project

Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you

charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you

do not charge anything for copies of this eBook, complying with the

rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose

such as creation of derivative works, reports, performances and

research. They may be modified and printed and given away--you may do

practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is

subject to the trademark license, especially commercial

redistribution.

\*\*\* START: FULL LICENSE \*\*\*

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free

distribution of electronic works, by using or distributing this work

(or any other work associated in any way with the phrase "Project

Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project

Gutenberg-tm License (available with this file or online at

http://gutenberg.org/license).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm

electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm

electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to

and accept all the terms of this license and intellectual property

(trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all

the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy

all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession.

If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project

Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the

terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or

entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be

used on or associated in any way with an electronic work by people who

agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few

things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works

even without complying with the full terms of this agreement. See

paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project

Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement

and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic

works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation"

or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project

Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the

collection are in the public domain in the United States. If an

individual work is in the public domain in the United States and you are

located in the United States, we do not claim a right to prevent you from

copying, distributing, performing, displaying or creating derivative

works based on the work as long as all references to Project Gutenberg

are removed. Of course, we hope that you will support the Project

Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by

freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of

this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with

the work. You can easily comply with the terms of this agreement by

keeping this work in the same format with its attached full Project

Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern

what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in

a constant state of change. If you are outside the United States, check

the laws of your country in addition to the terms of this agreement

before downloading, copying, displaying, performing, distributing or

creating derivative works based on this work or any other Project

Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning

the copyright status of any work in any country outside the United

States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate

access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently

whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the

phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project

Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed,

copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.org

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived

from the public domain (does not contain a notice indicating that it is

posted with permission of the copyright holder), the work can be copied

and distributed to anyone in the United States without paying any fees

or charges. If you are redistributing or providing access to a work

with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the

work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1

through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the

Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or

1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted

with the permission of the copyright holder, your use and distribution

must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional

terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked

to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the

permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm

License terms from this work, or any files containing a part of this

work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this

electronic work, or any part of this electronic work, without

prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with

active links or immediate access to the full terms of the Project

Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary,

compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any

word processing or hypertext form. However, if you provide access to or

distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than

"Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version

posted on the official Project Gutenberg-tm web site (www.gutenberg.org),

you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a

copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon

request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other

form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm

License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying,

performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works

unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing

access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided

that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from

the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method

you already use to calculate your applicable taxes. The fee is

owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he

has agreed to donate royalties under this paragraph to the

Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments

must be paid within 60 days following each date on which you

prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax

returns. Royalty payments should be clearly marked as such and

sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the

address specified in Section 4, "Information about donations to

the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies

you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he

does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm

License. You must require such a user to return or

destroy all copies of the works possessed in a physical medium

and discontinue all use of and all access to other copies of

Project Gutenberg-tm works.

- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any

money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the

electronic work is discovered and reported to you within 90 days

of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free

distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm

electronic work or group of works on different terms than are set

forth in this agreement, you must obtain permission in writing from

both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael

Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the

Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable

effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread

public domain works in creating the Project Gutenberg-tm

collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic

works, and the medium on which they may be stored, may contain

"Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or

corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual

property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a

computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by

your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right

of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project

Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project

Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all

liability to you for damages, costs and expenses, including legal

fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT

LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE

PROVIDED IN PARAGRAPH F3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE

TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE

LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR

INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH

DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a

defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can

receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a

written explanation to the person you received the work from. If you

received the work on a physical medium, you must return the medium with

your written explanation. The person or entity that provided you with

the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a

refund. If you received the work electronically, the person or entity

providing it to you may choose to give you a second opportunity to

receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy

is also defective, you may demand a refund in writing without further

opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth

in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS' WITH NO OTHER

WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO

WARRANTIES OF MERCHANTIBILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied

warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages.

If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the

law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be

interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by

the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any

provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the

trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone

providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance

with this agreement, and any volunteers associated with the production,

promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works,

harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees,

that arise directly or indirectly from any of the following which you do

or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm

work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any

Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of

electronic works in formats readable by the widest variety of computers

including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists

because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from

people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the

assistance they need, is critical to reaching Project Gutenberg-tm's

goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will

remain freely available for generations to come. In 2001, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure

and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations.

To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4

and the Foundation web page at http://www.pglaf.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive

Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit

501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the

state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal

Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification

number is 64-6221541. Its 501(c)(3) letter is posted at

http://pglaf.org/fundraising. Contributions to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent

permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S.

Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered

throughout numerous locations. Its business office is located at

809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email

business@pglaf.org. Email contact links and up to date contact

information can be found at the Foundation's web site and official

page at http://pglaf.org

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby

Chief Executive and Director

gbnewby@pglaf.org

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide

spread public support and donations to carry out its mission of

increasing the number of public domain and licensed works that can be

freely distributed in machine readable form accessible by the widest

array of equipment including outdated equipment. Many small donations

($1 to $5,000) are particularly important to maintaining tax exempt

status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating

charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a

considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up

with these requirements. We do not solicit donations in locations

where we have not received written confirmation of compliance. To

SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any

particular state visit http://pglaf.org

While we cannot and do not solicit contributions from states where we

have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition

against accepting unsolicited donations from donors in such states who

approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make

any statements concerning tax treatment of donations received from

outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation

methods and addresses. Donations are accepted in a number of other

ways including checks, online payments and credit card donations.

To donate, please visit: http://pglaf.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic

works.

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm

concept of a library of electronic works that could be freely shared

with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project

Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed

editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S.

unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily

keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

http://www.gutenberg.org

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm,

including how to make donations to the Project Gutenberg Literary

Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to

subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.